

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

MARIA KARINA FERRARETTO

**FÁBRICA RHEINGANTZ: A EMPRESA, O EMPRESÁRIO E OS ACIONISTAS. UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO SOBRE A ELITE ECONÔMICA DE RIO GRANDE NO FINAL DO SÉCULO XIX
(1873-1895)**

Porto Alegre
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

Maria Karina Ferraretto

**FÁBRICA RHEINGANTZ: A EMPRESA, O EMPRESÁRIO E OS ACIONISTAS. UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO SOBRE A ELITE ECONÔMICA DE RIO GRANDE NO FINAL DO SÉCULO XIX
(1873-1895)**

Monografia apresentada ao
Departamento de História da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do grau
de bacharel em História.

Orientador: Profº Dr. Luiz Alberto Grijó

Porto Alegre
2012

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Luiz Alberto Grijó, por aceitar fazer parte deste trabalho, pela leitura atenciosa e pelos conselhos. Todas as contribuições ajudaram a deixar mais claras as ideias aqui desenvolvidas. Também ao professor Fernando Nicolazzi, que me ajudou nos primeiros momentos de construção do projeto para esta pesquisa.

Agradeço aos amigos Paula Flores e Soraia Bertin pelas sugestões, e a Bruno Osti pelas dicas de contabilidade. Ainda ao Mário, da Biblioteca de Rio Grande, que copiou os documentos e os enviou para Porto Alegre. A todo mundo da Biblioteca Nacional que se dedica à digitalização de periódicos, pois sem isso grande parte desta pesquisa teria sido inviável.

Por fim, a Francisco Araujo da Costa, pelas conversas até de madrugada, a escuta atenta e paciente e as dúzias de copos de Coca-Cola que levou até o computador enquanto eu redigia este texto.

RESUMO

Este trabalho procura analisar o caso específico de consolidação da Fábrica Rheingantz, em Rio Grande entre 1873 e 1895. O período de estudo abrange os anos da administração de seu fundador, Carlos Guilherme Rheingantz, relacionando as ideias que norteiam a condução dos negócios da empresa com as táticas adotadas e as possibilidades financeiras que delas se originam. Procura-se, assim, contribuir para o estudo da elite econômica do final do século XIX, ao responder a seguinte questão: a partir de um estudo exploratório, de que forma é possível compreender a instalação e permanência de um complexo industrial no sul do Brasil enquanto espaço de interação de uma elite investidora (diretores e acionistas)? Três eixos principais (a empresa, o empresário e os acionistas) ajudam a caracterizar o objeto de pesquisa. No primeiro, é feita a análise de alguns dados financeiros obtidos nos relatórios anuais da empresa. No segundo, com uma perspectiva biográfica, são estabelecidas as estratégias criadas por seu proprietário para a obtenção de recursos e financiamento de seus projetos. Por fim, a partir do grupo de investidores, o objetivo é observar a rede de relações que definia quem investia seus recursos financeiros na companhia.

Palavras-chave: industrialização, História Econômica, Rio Grande, Fábrica Rheingantz, empresa, empresário, investimento, acionistas, elites.

ABSTRACT

This study analyzes the consolidation of Fábrica Rheingantz, an industrial enterprise in Rio Grande, Brazil, between 1873 and 1895, when the company was run by its founder, Carlos Guilherme Rheingantz. It connects the ideas that guided company business to the tactics it chose and the financial possibilities they originated. This exploratory study contributes to the analysis of economic elites in the latter half of the 19th century: how can one understand the foundation and continuation of an industrial complex in Southern Brazil as a locus for interaction between members of an elite of investors (directors and shareholders)? The research subject can be divided into three main elements: company, entrepreneur, and shareholders. The first is analyzed using financial data provided by the annual reports issued by the company during the period. The second is studied from a biographical perspective, determining what strategies Carlos Guilherme Rheingantz, the founder and major shareholder, used to obtain resources and finance his projects. Finally, regarding company shareholders, the goal is to study the relationship network that defined who chose to invest their financial resources in Fábrica Rheingantz.

Keywords: industrialization, economic history, Rio Grande, Fábrica Rheingantz, company, entrepreneur, investment, shareholders, elites.

ACERVOS CONSULTADOS

Bibliotheca Rio Grandense, Rio Grande. Fundo Rheingantz.

Bibliotheca Rio Grandense, Rio Grande. Hemeroteca.

Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional Digital do Brasil, Hemeroteca Digital Brasileira, Projeto Periódicos Extintos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 A EMPRESA: A FÁBRICA RHEINGANTZ NO EXTREMO SUL DO BRASIL	p. 17
1.1 Uma fábrica em Rio Grande	p. 20
1.2 Funcionários e Salários	p. 21
1.3 Valor das ações e lucratividade	p. 22
1.4 Para onde ia o dinheiro? O investimento constante	p. 23

2 O EMPRESÁRIO: CARLOS GUILHERME RHEINGANTZ E AS ESTRATÉGIAS PARA

DESENVOLVIMENTO DA FÁBRICA	p. 26
2.1 Relações pessoais, por nascença e casamento	p. 28
2.2 Propaganda e promoção da empresa em nível nacional e internacional	p. 29
2.3 Protecionismo, exaltação nacionalista e reivindicação de mercado	p. 31
2.4 As redes de sociabilidade	p. 33

3 OS ACIONISTAS: UMA REDE DE INVESTIMENTOS

3.1 Em busca de mais acionistas	p. 36
3.1.1 Os Grandes Acionistas	p. 37
3.1.2 Os Pequenos Acionistas	p. 40

CONCLUSÃO

LISTA DE FONTES DOCUMENTAIS

BIBLIOGRAFIA

ANEXO I – A Fábrica Rheingantz - Final do Século XIX - Início do XX.	p. 51
ANEXO II – A Fábrica Rheingantz - Imagens. Início do Século XXI.	p. 52
ANEXO III – Exemplos de páginas dos Relatórios da Fábrica Rheingantz	p. 53
ANEXO IV – Lista de acionistas com 20 ações ou mais. Quadro comparativo	p. 57
ANEXO V – Lista geral dos principais acionistas estudados - 1884-1895.	p. 62
ANEXO VI – Dados financeiros (Relatórios Anuais: 1884-1900).....	p. 64
ANEXO VII – Lucro líquido e valor das fábricas em Mil-Reis e Libras Esterlinas.....	p. 65

INTRODUÇÃO

Ao passar pelo pórtico de entrada da cidade de Rio Grande – e seu curioso formato de máquina de costura - o observador atento verá um pouco mais à frente, na principal avenida de acesso ao centro da cidade, um longo prédio de dois andares que segue por quase um quarteirão. Por ele transitavam diretores, acionistas, chefes de oficina e secretárias que faziam funcionar os motores a vapor de uma das maiores indústrias da história do Rio Grande do Sul: a Fábrica Rheingantz. Ao redor do prédio administrativo, todo o complexo ainda pode ser visto. Logo atrás estão as oficinas e caldeiras das três fábricas principais: Lãs, Algodão e Aniagens¹. Nos dias atuais, a tinta amarelo-claro disfarça os vidros quebrados e esconde cadeados e correntes enferrujadas. O portão por onde passavam os funcionários é hoje o limite entre as ruínas da indústria e a vila operária, com suas casinhas coloridas grudadas umas às outras, que ainda servem de moradia para alguns ex-operários e seus descendentes. Do outro lado, os prédios do Cassino dos Mestres², das casas dos tecelões mais graduados, da escola e da Sociedade de Mutualidade, ou abrigam alguns pequenos negócios, ou estão em ruínas.

Se a situação atual parece de abandono, apesar dos esforços locais para a preservação arquitetônica e para o resgate da memória da fábrica, o passado que construiu tudo isso remete ao acelerado desenvolvimento econômico e social do sul do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX³. A ideia inicial para esta pesquisa surge justamente dos relatos sobre a importância da empresa para a região e seus significados para os trabalhadores que fizeram parte de sua história⁴. Este trabalho pretende analisar a Fábrica Rheingantz a partir

¹ A aniagem nada mais é do que a produção de um tecido grosseiro geralmente de juta ou sisal, próprio para a produção das sacas de cereais como café, arroz etc. Uma fábrica têxtil poderia constituir-se de apenas uma dessas partes.

² O Cassino dos Mestres servia como uma área de lazer para os funcionários. Possuía acomodações para reuniões, sala de leitura e bilhar, podendo inclusive servir refeições para os solteiros. Também foi sede da Sociedade de Mutualidade e da biblioteca da Fábrica Rheingantz. Para mais detalhes sobre o conjunto arquitetônico da fábrica ver: PAULITSCH, Viviam da Silva. *Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande/RS*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2003.

³ Ver anexos I e II.

⁴ Sobre a memória e o valor simbólico da fábrica para seus operários e descendentes, ver entre outros: FERREIRA, Maria Leticia M. *Os três apitos: memória pública e memória coletiva. Fábrica Rheingantz, Rio Grande, Rio Grande do Sul, 1950-1979*. Tese de Doutorado, PPGHistória, PUCRS, 2002; FERREIRA, Maria Leticia. Reflexões sobre reconhecimento e usos do patrimônio industrial. Rio Grande: Ticcih, 2003; CLARO, Lisiane. Falência e Falácia Entre Significados e Sentimentos. Rio Grande: Furg, 2010; PAULITSCH, Viviam da Silva. *Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande/RS*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2003.

das decisões tomadas por seu diretor e do entendimento sobre as dinâmicas de seu grupo de acionistas, com o objetivo de explorar algumas das possibilidades de compreensão da elite econômica da época.

Entretanto, antes de seguir com a análise, é preciso algumas observações sobre os termos utilizados, evitando-se certos problemas terminológicos encontrados na própria historiografia a cerca da industrialização brasileira. Hees ressalta questões relacionadas à falta de rigor na utilização de termos como desenvolvimento, indústria, manufatura, fábricas, protecionismo e crescimento industrial, e explica que:

As dificuldades têm início já na maneira de descrever e de compreender o pensamento industrial no Brasil ao longo do século XIX. Se é certa a existência de referências ao vocábulo "indústria", observável em manifestações escritas e orais de membros da elite da época, é fundamental refletir sobre o significado de tal conceito, seja em razão de sua utilização de forma imprecisa, seja em virtude do fato de o termo ter significado distinto daquele vigente atualmente. Pelo menos dois são os riscos presentes: o primeiro consiste em aplicar, de forma anacrônica, conceitos inexistentes à época do período em análise; o segundo diz respeito a atribuir acepções estranhas ao período histórico em que determinado vocábulo é utilizado⁵.

Entende-se, nesse contexto, a "empresa" (ou a "companhia"⁶) em sentido amplo, enquanto o espaço onde uma atividade econômica é constituída, visando a obtenção de lucro, para oferecer ao mercado produtos ou serviços a partir da organização dos fatores de produção (matéria-prima, mão de obra, recursos financeiros e tecnologia). A elite empresarial seria o grupo dirigente que detém o controle e a capacidade de ação sobre esses fatores produtivos, sem ser necessariamente coeso ou homogêneo. Parte-se aqui de uma perspectiva simplificada da noção proposta por Heinz, que percebe as elites como grupos que parecem ocupar o topo da estrutura social ou de distribuição de recursos⁷.

A "fábrica", por sua vez, seria a parte da empresa constituída especificamente com a finalidade de transformar matéria-prima em bens de consumo⁸ ou outro tipo de material para produção⁹, excluindo-se a parte comercial e logística da organização (agentes comerciais, armazéns em outras localidades, escola, casas para funcionários etc). E considera-se

⁵ HEES, Felipe. *A industrialização brasileira em perspectiva histórica (1808-1956)*. In: *Em Tempo de História – Publicação do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília*. PPG-HIS, N° 18. Brasília: jan./jul. 2011. ISSN 1517-1108. P. 101.

⁶ A partir da própria documentação analisada nesta pesquisa, os termos "companhia" e "firma" parecem ser os mais correntes para se fazer referência às organizações empresariais e de investimento financeiro no final do século XIX. Os termos "empresa", "companhia" e "fábrica" acabam sendo utilizados de forma indistinta ao longo do texto.

⁷ HEINZ, Flávio (org.). *História Social de Elites*. São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 7-8.

⁸ Produtos acabados e prontos para consumo, por exemplo, roupas, calçados, alimentos enlatados etc.

⁹ Fábricas podem transformar matéria-prima bruta em outro tipo de matéria-prima, por exemplo, a transformação da lã em fios e tecidos que, posteriormente, passarão por um novo processo de beneficiamento até se transformarem em roupas, lençóis ou qualquer outro produto acabado.

“indústria” todo um complexo fabril envolvido em um mesmo ramo de atividade, por exemplo, indústria pesqueira, indústria automotiva ou agroindústria. No presente caso, analisa-se o ramo têxtil. A Fábrica Rheingantz era na verdade um complexo fabril, ou seja, não era uma única fábrica, mas um conjunto composto por três fábricas principais (e seus diversos setores: caldeiraria, fiação, tingimento etc.), uma vila operária, uma escola, armazéns e casas de altos funcionários. Tal complexo era bastante diversificado e contemplava diferentes etapas industriais: fiação, tecelagem e, em alguns momentos, até beneficiamento (produção de casacas para o exército, cobertores, tapetes e meias).

Este estudo apoia-se na reconstrução histórica da Fábrica Rheingantz em relação às estratégias de seu principal diretor para a obtenção de recursos financeiros e reconhecimento de seu grupo de acionistas. As ideias que norteiam a administração da empresa são relacionadas com as táticas adotadas e as possibilidades financeiras que delas se originam. Contribui-se para o estudo da elite econômica do final do século XIX, ao responder a seguinte questão: no caso específico da Fábrica Rheingantz, a partir de um estudo exploratório, de que forma é possível compreender a instalação e permanência de um complexo industrial no sul do Brasil enquanto local de interação de uma elite financeira (os diretores e acionistas) entre 1873 e 1895? O período de pesquisa vai desde a construção de sua primeira estrutura fabril, a Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Lã, até a data em que seu fundador, Carlos Guilherme Rheingantz, deixa a direção dos negócios, quando suas duas outras unidades já estão em pleno funcionamento (a Fábrica Rio-Grandense de Algodões e a Fábrica de Aniagens).

Entende-se que o acionista de uma empresa é quem possui títulos negociáveis, que representam a propriedade de uma fração da companhia, ou seja, uma parte de todos os bens e valores mobilizados para a constituição da empresa. No caso da Fábrica Rheingantz, o acionista é compreendido como o indivíduo ou instituição¹⁰ que emprega suas economias com o propósito de obter ganhos a médio e longo prazos (em oposição a resultados imediatos). Um investimento é, neste caso, a aplicação de capital financeiro em ações da companhia¹¹.

Na tentativa de responder o problema de pesquisa anteriormente proposto, o trabalho está dividido em três eixos: a empresa, o empresário e os acionistas. O primeiro caracteriza a Fábrica Rheingantz enquanto uma grande empresa nos moldes capitalistas: capital aberto, investimento constante em maquinário e instalações, mão de obra assalariada, inovações produtivas (lã, jacquard, fio penteado) e relações financeiras. Uma análise quantitativa permite verificar se houve ou não um crescimento econômico por parte da empresa ao longo do

¹⁰ A leitura dos listas de acionistas mostra que alguns são outras empresas, bancos e instituições com diferentes propósitos.

¹¹ COMISSÃO NACIONAL DE BOLSAS DE VALORES. *Vocabulário do Mercado de Capitais*. Série Biblioteca. Belo Horizonte: CNBV, 1993. p. 11-48.

período estudado, a partir de critérios como: funcionários e salários, lucro líquido, valor das fábricas e aumento da produção.

Toma-se aqui a empresa em si enquanto objeto de análise,

buscando-se superar a visão da teoria econômica ortodoxa sobre a empresa, tomada como mera unidade de coordenação dos fatores de produção da economia capitalista. Ou mesmo superar a visão marxista da empresa como um *lócus* de conflito social, decorrente dos interesses opostos entre os empresários e os operários. [...] Busca-se inserir na investigação do objeto a sua dimensão simbólica, tomando a empresa também como uma unidade de produção de significados sociais¹².

Com essa afirmação, constrói-se a segunda etapa, na qual se pretende apresentar o perfil socioeconômico do fundador e principal diretor da companhia, identificando-se as estratégias utilizadas para a sobrevivência da fábrica à luz de uma perspectiva biográfica. Carlos Guilherme Rheingantz é observado a partir das estratégias que estabelece para a obtenção e uso dos recursos disponíveis. Tais recursos são entendidos neste trabalho em duas concepções distintas e relacionadas: os recursos simbólicos (notoriedade e prestígio social), atributos que um membro da elite possui e utiliza para se fazer notar e ser atendido em suas reivindicações; e os recursos financeiros, adquirido com as estratégias e usos do capital simbólico para a obtenção de investimento. “Não se trata de relacionar as condutas a comportamentos típicos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torna possíveis e, portanto, normais¹³”.

Por fim, na terceira parte deste trabalho, tenta-se caracterizar o grupo de acionistas da companhia através da perspectiva de uma elite econômica investidora de capital. Uma elite, seja econômica, intelectual ou política, não é algo dado, “mas um fenômeno social e histórico a ser explorado, e, enquanto tal, deve ser entendido, tanto pelas suas bases e atributos sociais quanto pelas suas práticas, tomadas de posição, em um dado contexto histórico¹⁴”. Desse modo, retoma-se as reflexões sobre a industrialização do Rio Grande do Sul em uma concepção histórica. A elite econômica do final do século XIX é analisada em um período específico e em sua complexidade, na qual as dimensões entre o local e o nacional se mesclam.

¹² MARQUES, Tereza Cristina. *História de empresas, memória e fontes*. São Paulo: ANGRAD, 2008. p.2.

¹³ LEVI, Giovanni. *Les usages de la biographie. Annales, Histoire, Sciences Sociales* (trad. GRIJÓ, Luiz A. *Os Usos da Biografia*, v. 44, n. 6, p. 1325-1336, 1989. p. 5.

¹⁴ MONTEIRO, Lorena. *Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História*. In: Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2009. p. 28.

Para tanto, se utilizam como fontes de análise os Relatórios Anuais da Fábrica Rheingantz¹⁵ (1884-1895), e jornais locais (Rio Grande e Porto Alegre) e nacionais (Rio de Janeiro).

Ao todo, foram consultadas 21 publicações do Rio de Janeiro, com o propósito de verificar como as atividades de Carlos Guilherme Rheingantz eram relatadas na sede do governo (Imperial ou Republicano) entre 1873 e 1895. Do mesmo modo, o conjunto de dados biográficos sobre os acionistas identificados nos relatórios foram obtidos através da busca no jornal *A Federação*, de Porto Alegre, entre 1884-1910. A pesquisa em um número tão grande de publicações e em um largo período de tempo foi possível através do sistema da Hemeroteca Digital Brasileira¹⁶, da Fundação Biblioteca Nacional, disponibilizado na Internet e que possui o recurso de busca por palavra. Isso significa que não houve a necessidade de se ler na íntegra todos os títulos aqui mencionados. A indexação dos arquivos digitalizados localiza e seleciona as páginas das referências procuradas. Como indicadores de busca, utilizou-se quase que exclusivamente os nomes (nome + sobrenome) dos indivíduos estudados. No total, foram selecionados 232 artigos para esta análise. Apenas os jornais da cidade de Rio Grande (*Echo do Sul* e *Diário do Rio Grande*) foram consultados localmente.

A capacidade de ampliação da busca nos periódicos através da digitalização, indexação e disponibilização do material online foi o que viabilizou as análises aqui realizadas. Se fossem selecionadas de forma tradicional, apenas uma ou duas publicações seriam lidas e as referências encontradas no curto espaço de tempo dessa pesquisa teriam sido tão esparsas que inviabilizariam a forma de análise aqui proposta. O quadro composto por diversas publicações do Rio de Janeiro é o que permite verificar como as estratégias de Rheingantz apareciam na capital. Também, para a maioria dos acionistas observados, as únicas referências encontradas foram através desse sistema de busca.

O aporte teórico faz referência, inicialmente, aos trabalhos de Pesavento¹⁷ e Reichel¹⁸ acerca da indústria gaúcha. Parte-se da proposição de Roche¹⁹, que considera a Fábrica

¹⁵ Utilizam-se os relatórios disponíveis na Bibliotheca Riograndense (Rio Grande), pois se apresentam em sua forma completa. Documentos localizados no NPH/UFRGS encontravam-se incompletos, não constando as listas de acionistas e a distribuição de ações. Para visualizar o que eram os relatórios, ver exemplos no Anexo III, figuras 13 a 17.

¹⁶ O portal proporciona ampla consulta a um acervo imenso de periódicos dos séculos XIX e XX. A busca pode ser realizada por título, período, edição, local de publicação e palavras-chave. A busca por palavras é possível devido à utilização da tecnologia de Reconhecimento Óptico de Caracteres (Optical Character Recognition – OCR), que proporciona aos pesquisadores maior alcance na pesquisa textual em periódicos, e as páginas encontradas podem ser salvas pelo pesquisador. O portal foi oficialmente lançado em julho de 2012, e possui mais de cinco milhões de páginas digitalizadas. Informações disponíveis em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>. Acesso em 29/11/2012.

¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e a disciplina do trabalho* (RS: 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

¹⁸ REICHEL, Heloísa Jachims. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul – 1910 a 1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.

¹⁹ ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. p.521

Rheingantz a primeira empresa do Rio Grande do Sul de base verdadeiramente industrial, e procura-se pensar Carlos Guilherme Rheingantz enquanto empresário: “o empresário não possui obrigatoriamente os recursos financeiros, mas é quem os gerencia, promovendo reinvestimento e inovação”²⁰. Singer faz uma afirmação similar à de Roche; porém, dá mais ênfase ao papel do diretor:

Em 1874, Rheingantz funda a grande empresa têxtil “União Fabril”, em Rio Grande [...]. É com Rheingantz que a indústria se inicia realmente no Rio Grande do Sul²¹.

O trabalho de Reichel²² ajuda a pensar nas questões nacionais e regionais que envolvem a problemática da industrialização gaúcha. Para a autora:

A industrialização destacou-se sempre como importante variável nos estudos feitos sobre o desenvolvimento do capitalismo, seja em âmbito mundial, nacional ou regional, seja nas perspectivas estruturais ou conjunturais. [Assim,] o desenvolvimento do capitalismo do Rio Grande do Sul se insere num processo mais abrangente da indústria nacional e como tal deve ser analisado²³.

Acredita-se, assim, que é possível compreender, mesmo que de forma parcial, o significado das ações que norteavam as decisões tomadas por seu diretor e de que modo este reagia ao contexto político-econômico de seu tempo – levando-se em conta a ressalva feita por Giovanni Levi de que as fontes disponíveis “não ensinam sobre os processos de elaboração das decisões, mas somente sobre os resultados finais destas, ou seja, sobre os atos”²⁴. Soma-se ainda a observação de Maria Bárbara Levy para o estudo das empresas:

As empresas são parte da sociedade e não se pode estudá-las sem levar em conta as articulações recíprocas entre as relações sociais e as práticas empresariais. A empresa é parte de um sistema de instituições interatuantes, no qual lhe cabe a produção de bens. Como parte orgânica da sociedade, sua atuação repercute sobre a estrutura social na qual se desenvolve e, por sua vez, é influenciada por ela²⁵.

²⁰ SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

²¹ PAUL, Singer. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1968. P. 171.

²² REICHEL, Heloísa Jachims. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul – 1910 a 1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.

²³ REICHEL, Heloísa Jachims. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul – 1910 a 1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978. p.7.

²⁴ LEVI, Giovanni. *Les usages de la biographie. Annales, Histoire, Sciences Sociales* (trad. GRIJÓ, Luiz A. *Os Usos da Biografia*, v. 44, n. 6, 1989. p. 4.

²⁵ LEVY, Maria Bárbara. *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas: esboços de história empresarial*. Coleção Biblioteca Carioca. Vol.31. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p.27.

Tenta-se, porém, evitar a personificação da empresa para não incorrer no risco de tornar a análise demasiado homogênea. Os dados levantados demonstram certa unidade de ação, mas não significam que os agentes envolvidos tivessem todos as mesmas opiniões e atitudes sociais e políticas individualmente. A análise indica que os investidores entravam em acordo suficiente para votarem a aprovarem o andamento dos negócios. Porém, partiam de posições sociais e políticas diversas. Investiga-se, assim, uma elite dirigente e investidora, sem perder de vista que a empresa, como um todo, é constituída por diretores e operários, e influencia e é influenciada pela estrutura social na qual está inserida. Sabe-se, portanto, que esta análise avalia apenas uma parte desse espectro, mas que isto pode acrescentar informações valiosas sobre as primeiras empresas do Rio Grande do Sul.

Por fim, é importante ressaltar que não é intenção desta pesquisa avaliar o processo de origem da indústria gaúcha²⁶. Se, por um lado, observa-se na historiografia uma abordagem que privilegia as grandes estruturas, por outro, sabe-se que esta abordagem era fruto de um período historiográfico específico. Procura-se aqui, observar de forma ampla e exploratória os agentes sociais envolvidos e as redes de relações estabelecidas entre eles, ainda que seja impossível abranger esse conjunto em sua totalidade apenas no âmbito da Fábrica Rheingantz.

Não se deve, todavia, deixar de situar o objeto de análise em seu contexto histórico. O período corresponde a inúmeras movimentações da política econômica nacional as quais seria inviável dar conta na extensão neste trabalho. Entretanto, pelo menos duas merecem ser mencionadas: o *Encilhamento* e o primeiro “surto industrial” do país. É no século XIX que a industrialização brasileira passará por um primeiro momento de expansão. Esse processo pode ser entendido como um conjunto de mudanças econômicas, políticas e sociais entrelaçadas que dão força aos primeiros ramos produtivos, entre eles o têxtil. Ainda no período imperial, a urbanização, a construção da malha ferroviária e a melhoria dos portos favoreceram e foram favorecidas pelo estabelecimento das indústrias. Do início do século até 1889, foram criados diversos empreendimentos fabris de tamanho, emprego de mão de obra e capital variados. “De acordo com dados do relatório da Comissão de Inquérito Industrial de 1882, havia no Brasil aproximadamente 45 fábricas de tecidos, assim distribuídas: 12 na Bahia, 11 no Rio de

²⁶ Pelo menos quatro correntes distintas debatem a origem da indústria no Rio Grande do Sul a partir da relação entre industrialização e artesanato. Para mais detalhes, ver: 1) RAMOS, José Hugo. OSÓRIO, Ivan. *A industrialização posta a prova*. Porto Alegre: Centro de Estudos Sociais/IFCH/UFRGS, 1969; 2) LIMEIRA TEJO, Aurélio. *Estatística industrial do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1939; 3) SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1968; 4) ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

Janeiro, 9 em São Paulo, 8 em Minas Gerais, e 1 no Rio Grande do Sul, Alagoas, Pernambuco e Maranhão”²⁷.

Com a Proclamação da República em 1889 e a instalação do gabinete provisório de governo, inicia-se um novo período de mudanças que levou à reforma das forças armadas, a um novo Código Penal e a uma grande transformação financeira e bancária. No plano econômico, as medidas de Rui Barbosa, Ministro da Fazenda, foram basicamente uma continuidade da política inflacionária de seu antecessor, o Visconde de Ouro Preto, com o objetivo direto de atender as demandas de crédito dos empresários. Esse período econômico ficou conhecido como *Encilhamento* (1889-1894) e tinha como objetivo o incremento da indústria nacional e a proteção da agricultura cafeeira exportadora²⁸. As linhas de financiamento e a nova legislação favoreceram e deram liberdade econômica às chamadas sociedades anônimas – a própria Rheingantz fará uso dessa legislação em vigor, alterando sua razão social para a obtenção de mais recursos. Tal processo desencadeou especulação financeira desenfreada, crise econômica e aguda desvalorização da moeda no país²⁹. Muitas empresas surgiram e quebraram nesse período – daí a pergunta inicial: como a Rheingantz se comporta nesse contexto e sobrevive a ele? Quais foram as estratégias estabelecidas?

No momento da Proclamação da República e da crise do *Encilhamento*, a Fábrica Rheingantz é uma empresa com quase 20 anos de existência, que passa de 420 operários em 1888³⁰ para 927, em 1894³¹. O Brasil, um império escravista, vê nascer a Primeira República e o fim da escravidão negra. Imigrantes e libertos disputam espaço de trabalho no campo e nas primeiras fábricas que surgem por todo o país. Os meios industriais pleiteiam uma política protecionista, nem sempre aprovada pelos setores mais tradicionais da lavoura³². As políticas econômicas do governo favorecem o investimento industrial e dificultam a importação de produtos concorrentes, mas também têm como resultado a desvalorização da moeda.

Nesse contexto, Rio Grande, junto com Pelotas, surge como o primeiro polo de industrialização do Rio Grande do Sul. Durante a segunda metade do século XIX, a cidade se transforma em um importante ponto comercial para o extremo sul do Brasil. Como era o único

²⁷ ARIAS NETO, José Miguel. *Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização*. In: O Brasil Republicano. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 209.

²⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da Indústria Sul-Rio-Grandense*. Guaíba: Rio Grande Companhia de Celulose do Sul (Riocell), 1985. p. 44.

²⁹ VILLELA, Annibal V. *Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Ipea/Inpes, 1973. P. 33-34.

³⁰ Relatório da Sociedade Comanditária em Ações Rheingantz e C. que vai ser apresentado à Assembleia Geral Ordinária em 30 de outubro de 1888.

³¹ Relatório da Diretoria da Companhia União Fabril e Pastoral sucessora de Rheingantz e C. que vai ser apresentado a Assembleia Geral ordinária em 30 de novembro de 1994.

³² COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República – momentos decisivos*. 9ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010. P. 471.

porto marítimo do estado, por lá passava grande parte da produção de couro, lã e charque, bem como parte do trigo, do arroz e de outros produtos agrícolas cultivados no sul. Para Martins³³, esse foi um fator estratégico. Havia décadas que a função militar da cidade dera lugar à atividade mercantil. Assim, analisa-se no próximo capítulo a Fábrica Rheingantz em relação ao município onde se localiza.

³³ MARTINS, Solismar. *O papel da cidade do Rio Grande (RS) na economia rio-grandense durante a industrialização dispersa (1873/1930)*. In: *Primeiras Jornadas de Economia Regional Comparada*. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 2005.

1 A EMPRESA: A FÁBRICA RHEINGANTZ NO EXTREMO SUL DO BRASIL

Nosso commercio continúa abatido; em compensação, porém, aumenta o movimento industrial.

Assim, por exemplo, acaba de ser inaugurada no Rio-Grande uma grande fabrica de tecidos de lan, pertencente aos Srs. Rheingantz & Vater, cujos productos são iguaes aos melhores importados da Europa e 25% mais baratos.

Valha-nos ao menos esta vantagem, nos aziagos tempos que correm!³⁴

Dessa forma, o jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro, anunciava em setembro de 1874 a fundação da *Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Lã*. A historiografia acerca da industrialização do Rio Grande do Sul costuma ressaltar o seu pioneirismo. Paul Singer, por exemplo, avalia: “Em 1874, Rheingantz funda a grande empresa têxtil União Fabril, em Rio Grande... É com Rheingantz que a indústria inicia no Rio Grande do Sul”³⁵.

Além de ser a primeira indústria de tecidos de lã do país, a Fábrica Rheingantz se destacava entre as demais por seu tamanho e capital de investimento. Segundo Roche, a Rheingantz é a primeira indústria gaúcha a se instalar com "bases verdadeiramente industriais":

Em 1895, o Rio Grande do Sul contava com 30 sociedades anônimas, entre as quais 10 novas empresas industriais, fundadas precisamente a partir do fim do império, e quase todas por alemães. A mais importante era a União Fabril [com 22 anos de existência], sucessora da Rheingantz (capital 3500 contos; produção, 5000 contos), com 907 operários e 102 costureiras (manufatura de capotes para o exército). Depois vinha a Cia. de Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, fundada em 1891, com capital de 2400 contos e produção de 2100 contos, com 263 operários; a seguir a Cia. Fabril Porto-alegrense, também criada em 1891, com um capital de 200 contos, produzindo por dia de 120 a 150 dúzias de camisas e meias (100 operários)³⁶.

Apesar de ser tradicionalmente chamada de Fábrica Rheingantz pelos moradores de Rio Grande, em mais de cem anos de existência, a companhia trocou várias vezes de razão social, daí as diferentes nomenclaturas que aparecem na bibliografia e nas fontes analisadas. Criada em 1873, a firma *Rheingantz & Vater* é registrada no início do ano seguinte:

³⁴ Jornal “A Nação”, 16 de setembro de 1874, p. 2.

³⁵ SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Editora Nacional, 1968. P. 171.

³⁶ ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. p.521

Contracto Commercial. Foi registrado no tribunal do commercio, o seguinte importante contracto: Carlos Guilherme Rheingantz, Hermann Vater e o commanditario Miguel Tito de Sá para uma fábrica de tecidos de lan com o capital de 90,000\$000 [90 contos de réis], sendo 40,000\$000 [40 contos de réis] do commanditario, sob a firma de Rheingantz e Vater³⁷.

Após a saída de Miguel Tito de Sá e Herman Vater da sociedade, a empresa passa a se denominar Rheingantz & Cia. Em 1884, transforma-se em Sociedade Comanditária em Ações Rheingantz & Cia. e abre o capital para acionistas. Em 1891, visando a ampliação dos setores de investimento, a empresa transforma-se em Companhia União Fabril e Pastoril. Com o fracasso da investida na criação de ovelhas, torna-se apenas Companhia União Fabril em 1895. Na década de 1960, sem condições de quitar ou renegociar suas dívidas, é decretada a falência da companhia, e o empreendimento é comprado pela João Abdala e Cia., de São Paulo. Dois anos mais tarde, em 1972, a indústria é novamente vendida, agora a um grupo pelotense, e passa a se chamar Inca Têxtil até o seu fechamento total no final da década de 1980. A bibliografia consultada costuma misturar nomes e períodos em relação à razão social da companhia. Este trabalho usa “Fábrica Rheingantz” para se referir a todos esses períodos citados, levando em conta o forma tradicional como é chamada a empresa.

Sobre a sua localização, é preciso primeiro destacar dois modelos usualmente apontados pela historiografia como focos da indústria gaúcha: Porto Alegre, ligado ao desenvolvimento comercial do Vale dos Sinos; e o eixo Rio Grande-Pelotas, com produção em grande escala, voltada para atender o mercado nacional e que se aproveita de suas ligações com a pecuária tanto para a obtenção de matéria-prima quanto para a venda dos produtos. Sobre o contexto Rio Grande-Pelotas, onde se localiza a Fábrica Rheingantz, explica Mendes:

Geralmente nascendo grandes, na medida em que sua produção se destinava ao mercado nacional e não ao regional, especializaram-se em poucos ramos, concentrando-se principalmente nos segmentos têxtil, de conservas alimentícias, fumos e curtumes. A fim de assegurar uma fatia do mercado nacional, vincularam-se àqueles ramos industriais onde se concentrava o seu maior poder competitivo, seja frente aos produtos fabricados no Rio de Janeiro e São Paulo, seja frente aos produtos importados³⁸.

A avaliação dos dados obtidos nos relatórios da Fábrica Rheingantz para o período de 1884 a 1895 e das informações obtidas através de alguns jornais da época para o período de

³⁷ Jornal Echo do Sul. Rio Grande. 28 de janeiro de 1884. P.2.

³⁸ MERTZ, Marli. *A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização: de sua origem a 1930*. Ensaios FEE. Porto Alegre, vol. 12. 1991. p. 424.

1873 a 1883 permitem uma primeira aproximação com a empresa. Quanto aos relatórios, acredita-se que os dados são até certo ponto confiáveis, pois antes de serem divulgados aos acionistas, passavam no mínimo pela revisão de um conselho fiscal eleito em assembleia que tinha como função checar e validar os valores. Mesmo que exista alguma tendência a uma apresentação positiva das informações, e que alguns dados sejam eventualmente omitidos, os relatórios podem mostrar um quadro geral da companhia. Já os números dos jornais são inconstantes, e permitem uma avaliação parcial, sendo usados apenas alguns indicadores de forma comparativa.

Os resultados econômicos e financeiros apresentados são entendidos de acordo com a proposta de Bourdieu, como “o produto de uma construção social, [...] um tipo de artefato histórico, do qual somente a história pode dar conta³⁹”. Propõe-se, desse modo, a análise do Complexo Rheingantz através da perspectiva da análise histórica dos atos administrativos da empresa. Assim, questiona-se primeiro o que seria essa grande empresa “verdadeiramente industrial”. Nesse sentido, Pesavento indica um caminho para a compreensão da indústria:

A indústria deve ser entendida não apenas como um mero processo de transformação de matéria-prima em produto acabado, mas sim como um processo ligado historicamente a uma forma de realização do capitalismo. Aliás, a concepção de capitalismo enquanto modo de produção plenamente configurado tende a identificar-se com o surgimento da fábrica⁴⁰.

Além disso, Mendes acrescenta que:

Ao se analisar a empresa, independente da perspectiva teórica adotada, não se pode deixar de equacionar: estratégias de gestão e níveis tecnológicos; mercado e concorrência; políticas e instituições financeiras; fatores de inovação; escala e diversificação; integração, vertical e horizontal, fusões e concentrações⁴¹.

Por isso, subdivide-se este capítulo em quatro partes: a) *Uma fábrica em Rio Grande*, para situar o complexo industrial no local e no tempo; b) *Funcionários e Salários*, que se apoia na análise quantitativa dos relatórios, apontando comparações entre a produção e o gasto com os operários; c) *Valor e Lucratividade*, que relaciona o lucro líquido e o valor total das fábricas, com o objetivo de verificar seu crescimento financeiro; e d) *O Investimento Constante*, sobre as transações econômicas em que eram aplicados os recursos da empresa. A

³⁹ BOURDIEU, Pierre. *O Campo Econômico*. In: Política & Sociedade. Nº. 6. Abril de 2005. p. 17.

⁴⁰ PESAVENTO, Sandra Jatay. *História da Indústria Sul-Rio-Grandense*. Guaíba: Rio Grande Companhia de Celulose do Sul (Riocell), 1985. P. 16-17.

⁴¹ MENDES, José. *Problemas de História Empresarial Teoria e Prática*. Teoria e Prática. XXII APHES. Comunicações. Aveiro, 2002. p. 4.

tentativa aqui é abordar os aspectos econômicos gerais da companhia para, posteriormente, compreender como estes foram viabilizados.

1.1 Uma fábrica em Rio Grande

Mencionou-se que a Fábrica Rheingantz localizava-se na cidade de Rio Grande, no sul do Brasil, mas qual é o significado desta constatação? O parque industrial que se forma na localidade é voltado à produção em grande escala para as regiões centrais do país. O porto marítimo facilita o escoamento da produção, reduzindo marginalmente os custos com transporte de mercadorias e matéria-prima.

Já em meados do século XIX, Rio Grande possuía clubes, teatros, vários jornais, bibliotecas e associações. Ainda assim, em contraste com a vizinha Pelotas, a cidade mostrava-se “menos diversificada socialmente e muito menos aristocrática”, como explica Beatriz Loner. Formou-se na localidade um grande número de operários que trabalhavam nas muitas fábricas que se estabeleciam, no porto em constante expansão e nas estradas de ferro em construção. Além disso, por ter sido o primeiro centro de povoamento do estado, a cidade possuía nesse período um grande aparato de órgãos oficiais e burocráticos para gerenciamento do porto e da alfândega⁴².

A imigração para a região foi menos volumosa se comparada a outras partes do estado, restringindo-se a uma pequena população urbana. Em 1888, Rio Grande possuía 20.277 habitantes, sendo que 13.445 viviam na zona central. Os estrangeiros correspondiam a 18,3% da população total (entre portugueses, italianos, alemães, franceses e ingleses), enquanto 27,48% da população eram negra ou parda⁴³. Além disso, o índice de alfabetização da população urbana era de 53,36%. Porém, na Cidade Nova, bairro onde se concentrava o operariado, apenas 1/3 sabia ler⁴⁴. Em 1890, a população total sobe para 24.653 habitantes. Um aumento de 21,5% em dois anos. A indústria têxtil, especificamente, empregava também um grande contingente de mão de obra feminina e infantil⁴⁵. Em termos comparativos, Porto

⁴² LONER, Beatriz. *Construção de Classe: Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária/UFPel, 2001. p. 57.

⁴³ LONER apud Almanaque do Rio Grande do Sul para o ano de 1889, p. 202.

⁴⁴ LONER, Beatriz. *Construção de Classe: Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária/UFPel, 2001. p. 58-59.

⁴⁵ ARAVANIS, Evangélica. *A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República - a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920)*. Revista Mundos do Trabalho, vol. 2, n. 3, janeiro-julho de 2010, p. 150.

Alegre, maior cidade da província no período, possuía no começo da década de 1890, 52.421 habitantes, enquanto Pelotas tinha 41.591⁴⁶.

A região se caracterizava ainda por índices de emprego de mão de obra e qualificação profissional elevados, bom desenvolvimento tecnológico para os padrões da indústria nacional e por uma diversificação mínima da produção. Os principais ramos industriais eram basicamente: tecelagem (lãs e algodão), fumos (charutos) e alimentos (compotas, enlatados e pescados). Os dados apresentados a seguir foram obtidos através dos Relatórios Anuais da Fábrica Rheingantz. A análise concentra-se nas informações consideradas pertinentes ao objetivo de observar a empresa enquanto um investimento financeiro, e cuja frequência é tal que possibilita comparações entre as mesmas variáveis ao longo do período estudado. São elas: funcionários e salários; valor das ações e lucratividade; e investimento constante.

1.2 Funcionários e Salários

Quando a Rheingantz começa a funcionar em 1874, em seu quadro constavam 40 funcionários⁴⁷. Um ano depois, uma notícia sobre a Exposição Provincial de 1875 anuncia mais de 100 operários trabalhando na fábrica de lãs⁴⁸. Dezesesseis anos mais tarde, em 1890, este número é quase cinco vezes maior, correspondendo a 487 operários. Nesse ano, a fábrica empregava diretamente cerca 2,5% da população entre 9 e 59 anos de Rio Grande⁴⁹. Em 1895, quando Carlos Guilherme Rheingantz deixa a direção da companhia, o número de operários é de 912 – 858 fixos e 40 costureiras que trabalhavam em casa. Entre 1884 e 1893, o quadro de funcionários da empresa cresce significativamente ano a ano, como demonstra o gráfico 1. Após esse período, o número mantém-se relativamente estável, acima de 800 empregados.

⁴⁶ FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS: 1803-1950*. Porto Alegre: FEE/Secretaria de Coordenação e Planejamento, 1986. p.94-96.

⁴⁷ Jornal "A Nação", 16 de setembro de 1874, p. 2.

⁴⁸ Jornal "A Reforma". Porto Alegre, 26 e 27 de maio de 1875.

⁴⁹ FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS: 1803-1950*. Porto Alegre: FEE/Secretaria de Coordenação e Planejamento, 1986. p.94-96.

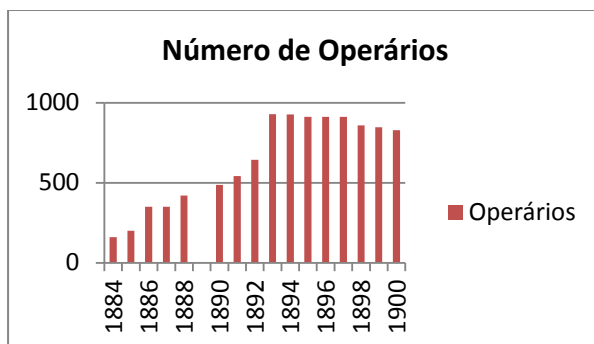


Gráfico 1. Variação do número de operários por ano. / Fonte: Relatórios da Fábrica Rheingantz de 1884 até 1900.

Em 1885, uma ação da companhia era comercializada a 500\$000⁵⁰ (500 mil-réis). Comparativamente, o salário anual médio de um de seus operários naquele ano era de cerca de 420\$000 (420 mil-réis). Também em 1885, foram produzidos 142.177,50 kg de tecidos, que representaram em vendas a quantia de 449:763\$378 (mais de 449 contos de reis). Cada um dos 200 operários teria produzido, em média, aproximadamente, 711 kg de tecidos anualmente, ou uma produção no valor bruto de 2:248\$000 (2 contos e 248 mil-réis). Isso significa que a mão de obra naquele ano representava pouco menos de 20% do valor da produção.

1.3 Valor das ações e lucratividade

O valor por ação indicado nos Relatórios Anuais e em anúncios comerciais indica um preço praticamente fixo. Essa constatação pode significar que as ações eram pouco negociadas, não havendo grande variação. Dessa forma, também são pouco indicativas a respeito da lucratividade da companhia. Entretanto, o fato de que o lucro líquido era praticamente todo distribuído entre os acionistas, mesmo quando havia a expectativa de investimentos no futuro próximo, comprova a rentabilidade das ações para os investidores. Não existia um fundo de reserva para grandes empreendimentos. O fundo destinava-se a necessidades mais emergenciais, como reparos em máquinas ou pequenas reformas em algum dos estabelecimentos. Quando havia a necessidade de maior capital, este era adquirido com a comercialização de ações ou através de empréstimos.

Além disso, a observação (ver quadro 1) do lucro líquido (descontados os gastos anuais com funcionários, pagamentos de dívidas e outras despesas) e do valor geral das fábricas (cálculo que considera, entre outras coisas, valor dos imóveis, maquinário, reserva de matéria-prima e estoque) indica crescimento. Em alguns momentos, o lucro líquido sobe de forma exponencial, como por exemplo, entre 1891 e 1892, com um aumento de quase 70% (ou de

⁵⁰ Anúncios no jornal *A Federação* em 17 e 22 de setembro de 1885. p. 3.

apenas 36% em libras esterlinas). É interessante observar também que entre 1890 e 1891, quando da inauguração da fábrica de Aniagens, há um declínio acentuado no valor da Fábrica de Algodões, provavelmente porque alguma propriedade ou maquinário foi transferido de uma para outra.

Quadro 1: Lucro líquido e valor das fábricas em libras esterlinas⁵¹

Ano	Câmbio*	Lucro Líquido £	Valor da Fábrica de Lãs £	Valor da Fábrica de algodão £	Valor da Fábrica de Aniagens £	Lucro Líquido Crescimento (mil-réis)	Lucro Líquido Crescimento (libras)
1884	20,6875	£ 2.410					
1885	18,59375	£ 4.844	£ 35.660	£ 13.485		124%	101%
1886	18,6875	£ 4.478	£ 38.188	£ 14.893		-8%	-8%
1887	22,4375	£ 11.918	£ 52.538	£ 19.018		122%	166%
1888	25,25	£ 13.692	£ 60.429	£ 21.560		2%	15%
1889	26,4375	£ 21.176	£ 65.642	£ 22.609		48%	55%
1890	22,5625	£ 18.366	£ 56.594	£ 19.611	£ 633	2%	-13%
1891	14,90625	£ 16.823	£ 42.668	£ 9.957	£ 9.196	39%	-8%
1892	12,03125	£ 22.925	£ 38.538	£ 8.305	£ 9.859	69%	36%
1893	11,59375	£ 29.233	£ 43.001	£ 17.082	£ 10.384	32%	28%
1894	10,09375	£ 30.996	£ 37.974	£ 15.294	£ 9.207	22%	6%
1895	9,9375		£ 39.249	£ 15.057	£ 9.186		

Fonte: Relatórios Anuais da Fábrica Rheingantz (1884-1895).

* Libra esterlina / mil réis – RJ

1.4 Para onde ia o dinheiro? O investimento constante.

Como já foi mencionado, o Complexo Industrial Rheingantz constituía-se de três fábricas principais. A inauguração de cada uma delas se originou de negociações financeiras diferentes. O projeto da Fábrica Nacional de Tecidos de Lã (1873) foi financiado a partir de uma sociedade familiar entre Carlos Guilherme Rheingantz, seu sogro, Miguel Tito de Sá, e o comerciante Herman Vater. Os dois últimos deixam o empreendimento, não figurando nas listas de investidores a partir de 1884. Nesse ano, para ampliar o capital, a empresa se transforma em “Sociedade Comanditária” – uma forma de investimento coletivo por ações comum nas últimas décadas do século XIX.

O Relatório Anual de 1884 registra a importação da Inglaterra⁵² da cobertura de ferro, de máquinas, da caldeira e do motor para a nova instalação⁵³. No mesmo ano, é feita a compra

⁵¹ Para ver os dados completos dos relatórios em mil-réis, consultar o Anexo VII. Os dados para conversão em libras foram obtidos www.ipeadata.gov.br. A opção pela conversão dos valores em libras procura compensar as flutuações da política monetária brasileira.

⁵² As máquinas para a Fábrica de Algodão foram compradas da Platt Brothers & C. Limited – maior fabricante de máquinas para a indústria têxtil do final do século XIX, localizada em Oldham, noroeste da Inglaterra – fundada em 1770, existe ainda hoje. Histórico da empresa disponível em: <http://www.plattbros.com>. Acesso em 28/10/2012.

⁵³ Relatório da Sociedade Commanditaria em Accções Rheingatz & C. 31 de outubro de 1884. p. 5.

de um terreno, localizado em frente ao atual cemitério da cidade, para a ampliação da Fábrica de Lãs e a instalação da Fábrica de Algodões no antigo prédio da Praça da Cadeia. Também se estuda a construção de casas para os operários, para diminuir os problemas relativos à distância entre as moradias e as fábricas. Pelo mesmo motivo, a empresa passa a investir na empresa *Carris Urbanos* para a construção de um *tram-way* (linha férrea, de trem ou bonde) que interligará as duas fábricas e o litoral.

Cabe ressaltar que a construção das casas dos operários e o incentivo ao desenvolvimento de transportes coletivos através do investimento de capital em outra companhia não são mero assistencialismo, mas principalmente investimentos financeiros (ainda que em menor escala do que a instalação de uma nova fábrica, por exemplo). Nos dois casos, para a aprovação do projeto, Rheingantz apresenta aos acionistas os cálculos dos valores a serem gastos e do tempo necessário para reaverem o dinheiro investido. No caso das casas, o retorno se daria através da cobrança de aluguel dos funcionários, ainda que a preços abaixo do mercado local, o que funciona como aumento salarial e forma de diminuir a rotatividade de empregados.

Em 1888, amplia-se a área da Fábrica de Lãs e se estuda a transferência da Fábrica de Algodões para o mesmo local⁵⁴. Em 1891, novamente a constituição social da empresa é alterada, tornando-se Sociedade Anônima. A capitalização originária da nova negociação permite mais um movimento. As fábricas de lã e algodões passam por novos incrementos e é fundada a Fábrica de Aniagens. Para Pesavento, poucas empresas gaúchas mantiveram tais padrões de crescimento contínuo ao longo do fim do Império e dos primeiros anos da República:

O acompanhamento do desempenho da indústria gaúcha ao longo da Primeira República permitiu verificar que, independentemente da alternância de períodos marcados pelo aumento da produção (Encilhamento e I Guerra) ou pelo aumento da capacidade produtiva (saneamento do pré-guerra ou do pós-guerra), houve um reduzido número de empresas que cresceram sempre, incorporando capital, adquirindo tecnologia, diversificando a linha de produção, aumentando o contingente de força-trabalho⁵⁵.

Algumas tentativas de investimento tiveram menos sucesso, mas demonstram igualmente a constante necessidade de ampliação do complexo. Entre elas é interessante citar pelo menos duas:

- 1) A Fábrica em Friburgo: no início da década de 1890, na tentativa de reduzir a distância entre a produção e o mercado consumidor, a empresa adquire um

⁵⁴ Relatório da Sociedade Commanditaria em acções Rheingatz & C. 31 de outubro de 1888. p. 3.

⁵⁵ PESAVENTO, Sandra J. *A Burguesia Gaúcha. Dominação do Capital e Disciplina do Trabalho (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. P. 19.

terreno em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e negocia benefícios fiscais com o governo provincial para a instalação do estabelecimento. Apesar dos benefícios serem concedidos, com a mudança na estrutura de governo a partir do estabelecimento da República e a crise financeira e política que se instala na capital, o projeto acaba não sendo levado adiante. Outro motivo para a desistência do novo empreendimento teve um elemento mais pessoal. A morte prematura do filho mais velho e de um irmão de Rheingantz, durante um surto de febre amarela em maio de 1895, no Rio de Janeiro, acabou por encerrar de vez a iniciativa. Ambos, Carlos Frederico e Luiz Rheingantz, eram os responsáveis pela fundação e montagem do novo negócio⁵⁶.

- 2) A Criação de Ovelhas: também no início da década de 1890, preocupadas com o suprimento de matéria-prima, a empresa decide investir na criação de ovelhas para a produção de lã. É uma forma de integração vertical, na qual a organização internaliza etapas anteriores ou posteriores do processo produtivo. Em 1891, um criador é trazido da Escócia para avaliar os campos do Rio Grande do Sul e selecionar o melhor local para o investimento. A companhia chega a importar carneiros e ovelhas no ano seguinte, mas a instabilidade política e militar no interior do Rio Grande do Sul no início da década de 1890 impede o transporte do rebanho para um local adequado. Parte dos animais acaba morrendo e o restante é vendido – encerrando assim a tentativa de uma criação própria.

Essas investidas variadas, bem sucedidas ou não, são próprias da administração de uma empresa. A busca por oportunidades de investimento, ampliação de mercados consumidores, aplicação de novas tecnologias e redução de custos são características essenciais da atividade empresarial. As iniciativas mal sucedidas ou que acabam não saindo do papel fazem parte do conjunto de experiências que revelam as escolhas e atitudes na condução dos negócios. Como já foi mencionado, empresas não são unidades autônomas e com vida própria. Seus direcionamentos dependem dos agentes sociais envolvidos. É fruto da ação inter-relacionada de gerentes, diretores, secretárias e operários. Não se deve desconsiderar que por trás de qualquer resultado existe a ação humana. Por isso, para melhor compreender os resultados obtidos acredita-se que é preciso se observar ainda a fábrica a partir das atividades de seu principal diretor, Carlos Guilherme Rheingantz.

⁵⁶ RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. *Dr. Oscar e Seus Empreendedores Ascendentes*. Rio Grande. No Prelo.

2 O EMPRESÁRIO: CARLOS GUILHERME RHEINGANTZ E AS ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVIMENTO DA FÁBRICA

Máquinas modernas, lucros crescentes, espírito pioneiro, além de atividades de assistência a seus empregados completavam o quadro e transformavam seu dono, Carlos Guilherme Rheingantz, no empresário-padrão da região, como se tornou lembrado, mesmo várias décadas depois⁵⁷.

É assim que a historiadora Beatriz Loner resume a atuação e o significado de Carlos Guilherme Rheingantz para a nascente indústria do Rio Grande do Sul do final do século XIX. Para avaliar a atuação de Rheingantz, parte-se inicialmente da proposição de Schumpeter, de que o empresário não é, necessariamente, o detentor do capital investido, mas aquele que gerencia o capital, promovendo reinvestimento e inovação na área em que atua⁵⁸. Para Warren Dean, por exemplo, “pode-se dizer que suas decisões [dos próprios empresários industriais] causaram a industrialização no sentido mais direto da palavra ‘causar’, aceitemos ou não a centralidade do empresário nos escritos schumpeterianos⁵⁹”. Entende-se, assim, que compreender o empresário é

...dissecar o comportamento daquele que pode ser visto como o coração deste sistema [da fábrica], aquele que aplica o capital dos capitalistas em inovações no processo produtivo e coloca em prática as invenções dos cientistas. É esse o agente responsável pela inovação, pela mudança de patamar de produção, de ciclo, na economia; e é através da inovação que o empresário promove o desenvolvimento⁶⁰.

Ainda sobre o empresário e o investimento no setor industrial, Warren Dean avalia que a destinação de recursos ao setor só acontece quando as percepções e interesses da elite econômica estão direcionados para esse propósito. Isso se dá em consequência da composição

⁵⁷ LONER, Beatriz. *Construção de Classe: Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária/UFPel, 2001. p. 51.

⁵⁸ SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 83-84.

⁵⁹ DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Difel, s/d. p. 20.

⁶⁰ COSTA, Ana Monteiro. *A gênese do empresário gaúcho: uma interpretação a partir dos modelos de matriz institucional e de construção mental de Douglas North*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 187p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS. P. 14-15.

dessa elite e de suas relações com a própria sociedade em que esta está inserida. Visto por esse ângulo,

o empresário não é um herói cultural, a causa não causada, mas tão somente o representante de um novo grupo, que segue, tateando, o caminho que o levará a um acordo com os outros homens de poder dentro da sociedade⁶¹.

Assim, busca-se compreender Carlos Guilherme Rheingantz enquanto um empresário de seu tempo, que faz uso de estratégias de negociação para convencimento dos outros homens de poder na sociedade, ou seja, da elite da qual também faz parte. Por isso, não se pretende aqui entendê-lo por si mesmo. É preciso considerar suas ações em contexto com o período historicamente situado e a partir das suas relações sociais estabelecidas. Por essa razão, entende-se Rheingantz enquanto parte de uma elite econômica e que precisa “entrar no jogo” das relações de obtenção e manutenção de recursos. É assim que ele irá manter seu status dentro dessa elite, propiciando os recursos necessários para garantir a sobrevivência e o desenvolvimento da companhia. Entende-se ainda que essa elite econômica não é algo dado, mas um fenômeno a ser explorado “tanto pelas suas bases e atributos sociais quanto pelas suas práticas e tomadas de posição em um dado contexto histórico⁶²”. O empresário Rheingantz é, então, capaz de transitar entre os diferentes espaços sociais de manifestação dessa elite e atrair para si os investimentos necessários para a ampliação dos seus negócios. Em outras palavras, ele é capaz de converter seus recursos simbólicos de notoriedade e prestígio social e sua rede de relações em recursos financeiros para sua empresa.

Para realizar essa análise, buscaram-se referências em jornais de Rio Grande, Porto Alegre e Rio de Janeiro, onde a companhia possuía escritórios para a comercialização e registro das ações. O propósito foi “mapear” as estratégias estabelecidas para firmar a consolidação da indústria enquanto tal e para a obtenção dos créditos e investimentos. É preciso estabelecer, ainda, que as fontes aqui analisadas são entendidas como uma representação e um meio de observação das consequências de uma série de estratégias efetivadas pelo diretor da fábrica para atingir seus objetivos financeiros, mesmo que nem sempre de forma premeditada. Não se trata de analisar o discurso do próprio Rheingantz, mas de equacionar suas investidas retratadas nos periódicos da época no Rio de Janeiro. Ademais, entende-se que a variedade de textos consultados de forma sistemática permite verificar se um mesmo tópico levantado se reproduz em mais de um jornal, independente de qualquer linha editorial que os documentos

⁶¹ DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Difel, s/d. p. 22.

⁶² MONTEIRO, Lorena. *Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História*. In: *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 1, jan./jun. 2009. p. 26.

possam apresentar quando observados de forma individual. Para fins deste estudo, eles foram divididos em quatro categorias identificadas a partir do que se consideram as estratégias principais estabelecidas por Rheingantz para a captação de recursos. São elas: 1) Relações pessoais, por nascença e casamento; 2) Propaganda e promoção da empresa nacional e internacionalmente; 3) Reivindicação Protecionista; 4) Envolvimento social.

2.1 Relações pessoais, por nascença e casamento

Carlos Guilherme Rheingantz nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 14 de abril de 1849. É o primeiro de dez filhos do imigrante alemão Jacob Rheingantz⁶³ e de Maria Carolina Von Fella, filha de um barão irlandês, nascida em Rio Grande. Aos 24 anos, em 1º de março de 1873, Carlos Guilherme casa com Maria Francisca de Sá⁶⁴ e, menos de um ano depois, a família desta lhe confere o apoio financeiro para dar início à construção da fábrica. O casamento também lhe “abre mais algumas portas”. Miguel Tito de Sá, seu sogro, é comendador, tenente-coronel do exército e Juiz do Município e do Comércio em Rio Grande⁶⁵.

A irmã de sua esposa, Noemi Miranda de Sá, era casada com o Barão do Iboracahy, investidor da fábrica⁶⁶. O barão recebera o título do Imperador em 1888 por sua ação no processo de abolição da escravidão em Alegrete/RS. No Rio de Janeiro, foi Presidente da Associação Comercial, do "Club dos Diários" e corretor de fundos na Corte do Império⁶⁷. Essa rede familiar reforça a notoriedade local que a família Rheingantz já desfrutava nesse período.

Seu pai, Jacob Rheingantz, fundou a colônia de São Lourenço, no Rio Grande do Sul e, em consequência, mantinha relações diretas com o Imperador e com o presidente da província⁶⁸. Como era costume nas famílias dos grandes homens de negócios do XIX, Carlos Guilherme é enviado à Europa para completar seus estudos. Após conhecer diversos países,

⁶³ Jacob Rheingantz foi uma importante figura da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Chegou ao Brasil em 1843, após ter morado alguns anos na França e nos Estados Unidos. Para mais informações sobre sua trajetória, ver IEPSEN, Eduardo. *Jacob Rheingantz e a colônia de São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história*. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 2008. E também: VOLGT, Olgário. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul e o Capital Social*. Tese de doutorado. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2006.

⁶⁴ PAULITSCH, Viviam da Silva. *Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande/RS*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2003. P. 63.

⁶⁵ Jornal “Echo do Sul”, 5 de fevereiro de 1874. P. 2.

⁶⁶ Relatório da Diretoria da Companhia União Fabril e Pastoril. 30 de novembro de 1891. p. 21.

⁶⁷ VASCONCELOS, Rodolfo. VASCONCELOS, Jaime. *Archivo Nobiliarchico Brasileiro*. Lousanne: Imprimerie La Concorde, 1918. p. 181.

⁶⁸ A correspondência entre Jacob Rheingantz e o governo provincial (1860-1890) está disponível na Bibliotheca Rio-Grandense, em Rio Grande. Contém descrições sobre a situação da colônia, reivindicações dos colonos e ações do governo.

retorna ao Brasil com ideias de inovação tecnológica e administrativa para seus investimentos⁶⁹, dedicando-se inicialmente ao comércio na cidade de Pelotas.

Com a instalação da fábrica, surge a necessidade de captar cada vez mais recursos para garantir sua sobrevivência. A longo dos anos, a família também vai sendo inserida nos negócios. Seus irmãos, Alfredo Jacob Rheingantz e Oscar Felipe Rheingantz trabalham na administração da companhia e possuem ações. Na década de 1890, Carlos Guilherme faz planos para que seu irmão e seu filho toquem os negócios na capital federal. Rheingantz morre aos 60 anos no Rio de Janeiro, em 1909, quatorze anos após deixar a direção da empresa.

2.2 Propaganda e promoção da empresa a nível nacional e internacional

Quando começam a funcionar as máquinas importadas da Europa⁷⁰ na Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Lã, os moradores de Rio Grande se mobilizam para conhecer essa empresa que “deve merecer da província toda a solicitude e proteção, porque novas fontes de riqueza pública se abrem com ela⁷¹”. O movimento foi tanto que houve necessidade de se anunciar o fechamento das portas aos curiosos:

Fabrica de Tecidos – segundo a declaração que em outro lugar publicamos, desde hoje fica vedado o ingresso aos visitantes na fábrica de tecidos dos Srs. Rheingantz e Vater.

O motivo que impelle os proprietários d’este estabelecimento a uma tal resolução é o advirem quasi sempre prejuízos das visitas, já distrahindo os empregados, já empecendo o curso do serviço.

A atividade que ali desenvolve uma vida inteiramente dedicada ao trabalho não deve ser estorvada, e assim andaram bem os Srs. Rheingantz & Water pondo termo ao prazo das visitas⁷².

Se as visitas foram vetadas aos cidadãos comuns após provocar certo alvoroço local, a recepção de alguns agentes que pudessem sustentar uma boa opinião sobre os novos produtos era mais do que desejada. São assim utilizadas como uma estratégia de promoção do empreendimento. E, logo após a inauguração e nos anos posteriores, os diretores irão promover inúmeras visitas de comerciantes, jornalistas, burocratas e políticos capazes de formar e disseminar uma opinião positiva da empresa. Uma longa notícia sobre a inauguração foi reproduzida em jornais de Rio Grande, Porto Alegre e do Rio de Janeiro, em “a pedidos”, ou seja, em espaços comprados, sugerindo intenção de promover a fábrica nacionalmente. A

⁶⁹ PAULITSCH, Viviam da Silva. *Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande/RS*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2003. P. 63.

⁷⁰ Em 8 de março de 1874, o jornal *Echo do Sul* anuncia que chegaram à cidade todos os maquinismos necessários para a fábrica de tecidos de Rheingantz e Vater. *Echo do Sul*, Rio Grande, 8 de março de 1874, p.2.

⁷¹ Jornal *Echo do Sul*, Rio Grande, 8 de março de 1875. p. 2.

⁷² Jornal *Echo do Sul*, Rio Grande, 13 de novembro de 1874, p.2.

matéria era seguida por um parecer de uma comissão da Associação Comercial de Rio Grande que visitou o estabelecimento a convite dos proprietários. O texto avaliza e ressalta as qualidades da iniciativa, mencionando as dificuldades enfrentadas e também a necessidade de proteção do Estado:

[...] longe estava, comtudo, a commissão de suppôr que seria ou deveria ella ser de proporções tão importantes, e de um machinismo tão interessante e de resultados tão salientes, a cooperar forçosamente para o engrandecimento da cidade, onde terá de occupar o primeiro e mais honroso lugar entre todos os seus estabelecimentos commerciaes e, sem dúvida, também na provincia, quanto aos estabelecimentos mechanicos⁷³.

As constantes reivindicações protecionistas serão melhor exploradas no tópico a seguir. Porém, uma segunda forma de investimento em promoção deve ainda ser mencionada: a participação em exposições regionais, nacionais e internacionais. As feiras eram um hábito comum no final do século XIX e, apesar do alto investimento que demandavam, traziam reconhecimento social e político além, obviamente, de contatos comerciais. Apesar de a bibliografia corrente ressaltar apenas a presença da Rheingantz na Exposição Brasileiro-Alemã de 1881, encontraram-se nos jornais vários registros sobre outras participações, compondo um quadro bem mais amplo e diversificado sobre a empresa, uma estratégia presente desde sua inauguração. Em 1875, a Fábrica apresenta seus produtos na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, como um dos representantes da indústria do Rio Grande do Sul⁷⁴. Em 1876, participa da Exposição Internacional da Filadélfia, comemorativa do Centenário de Independência dos Estados Unidos⁷⁵. O estande brasileiro foi inaugurado pelo próprio D. Pedro II⁷⁶, e os produtos da Rheingantz figuravam como amostras da indústria nacional. O catálogo brasileiro da exposição, mais uma vez, ressaltava que a Fábrica de Lãs só empregava matéria-prima brasileira. Em 1885, a Fábrica também recebe medalha de prata na Exposição Continental de Buenos Aires⁷⁷. Sobre essas investidas, diz o relatório de 1888 a respeito de algumas feiras regionais:

Tendo tirado vantagem das exposições que effectuamos nas cidades de Pelotas e Porto Alegre, facilitando assim o maior conhecimento dos nossos productos, levamos a effeito mais duas, uma na cidade de Uruguayana e

⁷³ *Jornal Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1874, p.3.

⁷⁴ *Jornal Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1876, p. 1.

⁷⁵ *O Imperio do Brazil na Exposição Universal de 1876 em Philadelphia*. Rio de Janeiro : Typ. Nacional, 1875. p. 324. A Fábrica Rheingantz é citada no documento como “fábrica de tecidos de lã da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul”.

⁷⁶ D. Pedro II esteve presente na inauguração da própria exposição, ao lado do presidente dos Estados Unidos, Ulisses Grant e sua esposa, ajudando a cortar a faixa de inauguração. Foi na mesma exposição que aconteceu a famosa cena do Imperador com o telefone. Conta-se que ao ouvir uma mensagem, D. Pedro teria exclamado: “Meu Deus, isso fala!”.

⁷⁷ *Jornal O Paiz*. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1885, p. 1-2.

outra em Bagé, esta por ocasião de uma festa que costuma attrahir os habitantes dos arredores.

Tencionamos preparar uma completa collecção de nossos productos para a exposição de Pariz, assim como concurremos à Exposição Municipal que vai ser amanhã inaugurada⁷⁸.

Os produtos da Rheingantz acabavam sendo apresentados como exemplos da indústria têxtil nacional. Esses eventos parecem contribuir para que a fábrica apareça nos periódicos analisados como um modelo de prosperidade e valor para os produtos brasileiros.

2.3 Protecionismo, exaltação nacional e reivindicação de mercado

As reivindicações por “proteção do Estado e da sociedade” estão presentes nos relatórios e em diversas notícias localizadas e vêm “amarradas” a expressões que valorizam os produtos, a matéria-prima e o uso da mão de obra do país. Um dos episódios que melhor exemplificam essa ideia é o pedido feito oficialmente ao governo provincial do Rio Grande do Sul para que a Fábrica Rheingantz obtivesse o privilégio exclusivo para a instalação de fábricas a vapor em Rio Grande para a manufatura de tecidos de lã ou algodão por dez anos. Em setembro de 1885, o pedido é negado pelo presidente da província⁷⁹, mas em novembro sai a aprovação. O jornal *Diário do Rio Grande* justifica assim a decisão:

O Sr. Carlos G. Rheingantz é um industrialista a quem a provincia deve relevantes serviços e não seria justo que os representantes desta repellissem a sua pretensão, tanto mais que esta, se é do interesse do Sr. Rheingantz, não o é menos da provincia cuja indústria precisa amparar-se de certas medidas protecionistas para tomar o desenvolvimento que se faz mister⁸⁰.

Um fator constantemente utilizado para explicar as reclamações protecionistas é a valorização “do nacional”. Em muitos momentos, a empresa conquista elogios, crédito bancário e benefícios fiscais por utilizar mão de obra e matéria-prima brasileiras, além de ser motivo de orgulho para a nação. Em 1876, por exemplo, uma longa notícia sobre a Exposição Nacional do ano anterior, no Rio de Janeiro, anunciava:

D’entre os productos expostos por esta fabrica, incontestavelmente digna de favores do governo imperial, agradaram-nos summamente os cobertores de lan, já pela modicidade do preço, já pelo merito do trabalho, em que só se emprega materia prima nacional⁸¹.

⁷⁸ Relatório da Sociedade Commanditaria em Acções Rheingantz & C. 30 de outubro de 1888. p.8.

⁷⁹ Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1885, p.1.

⁸⁰ Diário do Rio Grande, Rio Grande, 22 de novembro de 1885, p.1.

⁸¹ Diário do Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1876, p.2.

Em 1891, Rheingantz consegue privilégio e isenções fiscais para a construção de uma fábrica no Rio de Janeiro. Apesar do projeto praticamente não ter saído do papel, a aceitação da proposta pode demonstrar a “boa imagem” que a empresa tem na capital federal sendo “digna de crédito”. A concessão de privilégios pode ser representativa de uma prática da época. Além disso, a vontade de garantir certa “reserva de mercado” é outra característica do período. É possível perceber através das fontes que a concorrência não é “vista com bons olhos”. Em 1887, Rheingantz escreve uma carta ao jornal *A Federação* posicionando-se contrário à abertura de uma fábrica de lãs e algodão em Porto Alegre:

Uma outra fábrica na província teria de entrar em lucta contra a nossa, visto que não há consumo para a producção de duas, e a consequencia será termos aqui a repetição do que se está dando na côrte, onde devido á demasiada producção e concorrência, nenhuma fabrica dá hoje resultado e estão baixando as acções.

[...]

Fazemos esta publicação unicamente para evitar uma prematura concurrencia, que, prejudicando-nos, póde vir a ser funesta aos capitães que a isso se prestarem; não nos move de certo o fito de ficarmos sós e podermos sustentar preços altos, é notório que nossos preços são muito módicos. A tarifa especial é que não permite um desenvolvimento da Indústria Textil de algodão na província⁸².

O Relatório Anual de 1887 também menciona o medo da concorrência:

O único receio que devemos ter é de uma demasiada concorrência, mediante o levantamento de outra fábrica idêntica a nossa. Abastecendo a nossa já o consumo de quase todo o Império no artigo cobertores, traria outra fabrica deste mesmo artigo um excesso de producção e dificuldades para todos, posto que maiores para aquelles que viessem a competir conosco⁸³.

A “reserva de mercados”, ou melhor, a justificativa para o impedimento da concorrência, é dada pela ideia de que a Fábrica Rheingantz já presta os serviços necessários à nação nesse segmento industrial, abastecendo o Império. Uma segunda fábrica, por isso, seria desnecessária. É preciso, no entanto, fazer certa ressalva aos dados observados. Os textos analisados parecem carregados de um discurso homogeneizador, no qual as fábricas são valorizadas por utilizarem matéria-prima e operários brasileiros. Não aparecem, nesse contexto, as diferenças e contradições próprias dos movimentos da sociedade. Na área do trabalho, libertos, brasileiros pobres e imigrantes disputam espaço nas fábricas e oficinas. Falta

⁸² Jornal *A Federação*. Porto Alegre, 27 de abril de 1887, p. 2.

⁸³ Relatório da Sociedade Commanditária em Acções Rheingantz & C. 26 de outubro de 1887. p. 8.

mão de obra especializada e, muitas vezes, o imigrante vem para suprir essa demanda. Na Fábrica Rheingantz, em 1894, por exemplo, empregava-se 907 funcionários – 494 nacionais e 413 estrangeiros. Se em Rio Grande a proporção de estrangeiros era de 18,3%, na fábrica esse número subia para quase a metade (45,5%).

Na produção, a matéria-prima é adquirida na região, mas o maquinário é quase sempre importado. Além disso, o financiamento para a compra de máquinas estrangeiras é feito também com financiamento exterior. A própria Rheingantz estabelece negociações com o London and Brazilian Bank e com o English Bank of Rio de Janeiro, por exemplo. De qualquer forma, tanto a prática de participação em exposições e feiras quanto a exaltação ao uso da matéria-prima nacional parecem, contudo, ser uma prática corrente do período estudado. Uma notícia sobre o curtume Heckthener & Becker, também de Rio Grande, segue a mesma linha de raciocínio:

O cortume dos Srs. Heckthener & Becker, premiado nas exposições de Berlim de 1886 e na deste Estado em 1888, concorre de maneira brilhante para o nosso engrandecimento. Seus productos são de primeira qualidade. [...] Taes productos, além de offerecerem a vista uma bella perspectiva, são de tal modo preparados a materia prima nacional e estrangeira, tão bem escolhidas, que podem offerecer duradoura resistencia⁸⁴.

A exaltação nacional, a promoção nos jornais, a participação em exposições e feiras e a reivindicação protecionista não parecem, portanto, uma exclusividade da Fábrica Rheingantz, mas características do discurso e das ações que envolvem as jovens indústrias nacionais. Contudo, tal conjunto de ações, ainda que comuns, parecem servir como estratégias que transformam a empresa em um investimento atraente. Como avalia Bourdieu sobre as práticas econômicas:

No mais, além de serem profundamente enraizadas no passado, sob a forma de disposições ou de rotinas, através da história incorporada dos agentes responsáveis por elas, as estratégias econômicas são, na maioria das vezes, integradas num sistema complexo de estratégias de reprodução, estando, portanto, plenas da história de tudo ao que visam perpetuar⁸⁵.

Entendidas dessa maneira as estratégias mencionadas até aqui podem ser interpretadas enquanto uma forma de conferir notoriedade à Fábrica, o que acabará reconvertido em recursos financeiros, ao ser utilizado como material de convencimento para os investidores.

⁸⁴ Jornal *Echo do Sul*, Rio Grande, 21 de novembro de 1895, p. 1.

⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. *O Campo Econômico*. In: *Política & Sociedade*. nº 6. Abril de 2005. p. 18.

2.4 As redes de sociabilidade

O envolvimento intenso de Carlos Guilherme Rheingantz em diferentes esferas da vida pública também pode ser interpretado como uma habilidade que lhe confere notoriedade e, conseqüentemente, recursos sociais, políticos e financeiros. Suas várias atividades e os contatos pessoais a elas relacionados são compreendidos na medida em que se entrelaçam, construindo “os caminhos por onde chegam” os seus investidores. Percebe-se aqui o empresário, segundo o trabalho de Baechler⁸⁶ sobre as redes de sociabilidade, enquanto um agente social capaz de estabelecer redes através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões.

A própria Fábrica Rheingantz proporciona e incentiva uma série de atividades de caráter assistencialista aos seus funcionários. A empresa mantém desde o início uma escola, primeiro para os operários e depois para seus filhos. A Sociedade de Mutualidade garante uma espécie de seguro em casos de doença, invalidez ou morte. As casas para os funcionários, apesar de controversas por dominarem completamente a vida do operário, que praticamente mora dentro da fábrica, acabam sendo vistas como benefícios proporcionados pela companhia.

Além disso, Rheingantz será um dos incentivadores e investidor direto da Companhia Ferroviária no município e da construção do Balneário Sequeira (atual praia do Cassino), um local de sociabilidade da elite local no final do século XIX⁸⁷. Parte dos nomes que figuram entre os investidores e gerentes da Rheingantz, aparecem também envolvidos com esses empreendimentos, uma pequena mostra da interconectividade entre estes diferentes negócios. Mesmo na direção do Asilo de Mendicidade, proposto por Rheingantz em seu mandato como vereador, os nomes dos acionistas da Rheingantz ressurgem. O comerciante Lemos Júnior, o consul alemão H. Fraeb e o industrialista Corrêa Leite estão entre os dez maiores acionistas da Fábrica e estão envolvidos com o trabalho do asilo.

A atuação de Rheingantz não se restringe ao âmbito local. Sua presença no Rio de Janeiro é marcante. Foram encontrados pelos menos 26 registros de visitas à capital (entre 1875 e 1895), nas quais, uma das suas atividades principais até 1889 era cumprimentar o Imperador semanalmente. Importante registrar que essas viagens de Rheingantz ao Rio de Janeiro eram longas e poderiam durar semanas ou até mesmo meses.

⁸⁶ BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. In: BOURDON, Raymond (org.). Tratado de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 65-66.

⁸⁷ Sobre as redes de sociabilidade da elite de Rio Grande no final do século XIX e a relação entre a rede ferroviária e o Balneário Sequeira, ver: ENKE, Rebecca. Balneário Villa Sequeira. A invenção de um novo lazer (1890-1905). São Leopoldo: Unisinos, 2005. Dissertação de Mestrado. 143 p.

Além disso, a Fábrica de Tecidos de Lã é um ponto obrigatório para políticos e burocratas em visita a Rio Grande, descritos em pelos menos cinco registros encontrados, dos quais a mais ilustre talvez tenha sido a da Princesa Isabel acompanhada pelo Conde D'Eu, em 1885. Fazendo uso do momento, Rheingantz convida o casal para participar da inauguração da Fábrica de Algodões.

Assim procurou-se avaliar algumas das estratégias estabelecidas por Carlos Guilherme Rheingantz para a obtenção de recursos. As categorias aqui apresentadas não existem de forma separada, mas são inter-relacionadas. O casamento, as ações de promoção da empresa, as reivindicações econômicas e políticas, são “amarrados” por uma rede de sociabilidade, ou seja, por grupos de pessoas ligados as suas inúmeras atividades de empresário e que, ao respeitarem e aceitarem suas propostas, acabam lhe conferindo uma posição de destaque na sociedade. São mais as estratégias e conexões, e menos a sua fortuna pessoal, que lhe geram os recursos necessários para tocar os seus negócios.

As atividades aqui recortadas, se não representam a totalidade das investidas, parecem servir para a compreensão dos recursos arrecadados que acabam se convertendo em retorno financeiro para Rheingantz. É a conjunção de fatores aliado aos resultados financeiros positivos que faz da companhia um “bom investimento” atraindo acionistas. Por isso, para compreender de forma mais completa a consolidação e sobrevivência da fábrica se faz necessária a análise do grupo de acionistas no próximo capítulo.

3 OS ACIONISTAS: UMA REDE DE INVESTIMENTOS

Procura-se agora observar a empresa em seu contexto sócio-político, destacando-se algumas das conexões existentes em sua rede de investidores. Em síntese, após identificarem-se as estratégias estabelecidas para a obtenção de recursos, torna-se essencial compreender quem eram os agentes históricos que participaram do processo investindo capital. Como mencionado anteriormente, esta parte do trabalho abrange o período em a companhia é dividida por ações (1884-1895). Os nomes relacionados foram obtidos a partir das listas de acionistas presentes em todos os Relatórios Anuais⁸⁸.

A proposta é compreender a dinâmica econômico-social e financeira que permite reunir em uma mesma lista a elite econômica da época: empresários, médicos, comerciantes, burocratas, militares e aristocratas. Alguns se unem ora por relação de parentesco, ora por relações trabalhistas ou, ainda, unicamente como investidores. Não se trata de traçar a biografia coletiva de um grupo homogêneo, mas de refletir sobre algumas questões que permitiram reunir um grupo tão diversificado. Além disso, essa abordagem permite um novo olhar sobre este conjunto de fontes, uma vez que as listas de acionistas não foram trabalhadas em nenhuma das referências bibliográficas encontradas e mesmo em alguns acervos procurados⁸⁹. Entende-se, por fim, que uma elite, seja econômica, intelectual ou política, não é algo dado, “mas um fenômeno social e histórico a ser explorado, e, enquanto tal, deve ser apreendido, tanto pelas suas bases e atributos sociais quanto pelas suas práticas sociais, tomadas de posição, em um dado contexto histórico⁹⁰”.

3.1 Em busca de mais acionistas

Entre setembro e outubro de 1885, uma série de anúncios é publicada no jornal *A Federação*, de Porto Alegre, na tentativa de atrair novos acionistas. Com a ampliação da Fábrica de Lãs e a montagem da Fábrica de Algodões, foi necessário aumentar os recursos

⁸⁸ Ver anexos III e V.

⁸⁹ Nas cópias dos relatórios disponíveis no NPH – Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS, por exemplo, as listas de acionistas não estão presentes. Também no livro “Memórias da Indústria Gaúcha: Das Origens a 1930 - Documentos”, que publicou parte dos relatórios, as listas de acionistas não foram incluídas.

⁹⁰ MONTEIRO, Lorena. *Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História*. In: Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2009. p. 28.

financeiros para garantir os investimentos necessários e como não havia recursos suficientes em caixa, as alternativas foram empréstimos ou venda de novas ações. No Relatório Anual de novembro do mesmo ano, o diretor afirma ser um momento para empréstimos e não para abertura de mais capital. Contudo, reclama Rheingantz: “Apenas apareceram capitaes de fóra do lugar: nenhum dos capitalistas desta cidade se apresentou”.

O contraste entre as duas informações permite supor que falta dinheiro ou investidores interessados na província, mesmo com os altos rendimentos apresentados pela empresa. Tal inferência reforça a ideia demonstrada no capítulo anterior de que seriam mais do que fortunas pessoais que gerariam o volume de investimentos necessários para a ampliação e o andamento dos negócios da Fábrica. Não por acaso, o capital investidor tem origem em pelo menos três localidades distintas: Rio Grande, Porto Alegre e Rio de Janeiro, além dos empréstimos adquiridos em bancos ingleses e alemães com sede no Brasil.

O grupo inicial de 212 nomes foi dividido entre dois grupos. Os “grandes acionistas”, com média anual de 20 ações ou mais, e os “pequenos acionistas”, que possuíam média anual menor do que 20 ações. Observou-se ainda de forma mais ampla o grupo que possuía entre 1 e 10 ações, com a finalidade de se identificarem algumas gradações no quadro observado. Os critérios utilizados foram: média anual de ações, local de residência, origem, função ou título, posição em relação à fábrica, outros empreendimentos em que se envolveu e data de início do investimento na Rheingantz⁹¹.

3.1.1 Os Grandes Acionistas

Quando observados os dez acionistas com as maiores médias anuais de ações, é a conexão entre os investidores e uma grande variedade de empreendimentos em outros setores econômicos que mais se destacam, como demonstra a tabela 1. O melhor exemplo é o caso do próprio Carlos Guilherme Rheingantz, que é acionista da fábrica de charutos Pooch & C, junto com Antonio da Costa Corrêa Leite e Antonio José Monteiro, entre outros. A fábrica de charutos foi fundada pelo imigrante alemão Gustavo Pooch em 1891, em Rio Grande, e se tornou uma das maiores empresas da região. Empregava, em 1918, 150 funcionários e produzia anualmente 5 milhões de charutos, no valor de 1.000:000\$000 (Mil contos de réis)⁹². Outros ramos de investimentos entre os acionistas são o ferroviário, o bancário e de crédito, de seguros, de tratamento de água, de iluminação pública, de importação e exportação, e de produção de velas, calçados, pregos, vidros etc.

⁹¹ Ver quadro comparativo no Anexo IV.

⁹² AMARAL, Thiago Farias. *Origem e evolução da atividade industrial no município do rio grande no contexto econômico do estado do rio grande do sul: do final do século XIX aos meados da década de 1960*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Florianópolis: UFSC, 2011. p.75.

O elo entre ramos aparentemente diferentes acaba sendo, justamente, o investidor, que tece uma teia de relações pessoais que vai entremear as relações econômicas. Os acionistas não apenas estão envolvidos em mais de um empreendimento, como mais de um investidor está ligado a um mesmo segmento. Temos os mesmos nomes nas mesmas empresas.

Tabela 1: Maiores acionistas e alguns de seus investimentos.

	Nome	Média de ações	Localização das ações	Outras atividades:
1	Carlos Guilherme Rheingantz	1286,6	Rio Grande	Vice-presidente do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1886); Acionista da Companhia de Ferro Rio Grande - Costa do Mar (1892). Acionista da Poock & C. (1891); Acionista da Horman & C. (1891).
2	F. Laeisz	183,3	Rio Grande	Única referencia encontrada é uma companhia de navegação de Hamburgo, na Alemanha, fundada no século XIX, que comercializava com a América do Sul também.
3	Francisco de Paula Mayrink	183,3	Rio de Janeiro	Monarquista e depois Republicano. Banqueiro. Casado com Maria José Paranhos. Irmão do Visconde de Mayrink e sobrinho da Marquesa de Itamarati. Chegou a ser dono do Palácio do Catete onde residiu. Foi eleito diretor da Rheingantz no RJ, mas pediu dispensa do cargo.
4	H. Fraeb	126,4	Rio Grande	Possuía uma casa de Importação e Exportação, com firmas em Hamburgo, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre (1893). Foi Consul da Alemanha no Rio Grande do Sul (1888). Trabalha com vários tipos de produtos: couros, cinza de ossos, louça, chinelo de lã, graxa, sebo, ferramentas, tecidos, ferro, chumbo etc.
5	Joaquim Martins Cardoso	116,3	Rio Grande	Comerciante. Tesoureiro do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1884); Acionista da Companhia Fiação Porto-Alegrense (1901); Acionista da Companhia Fiat Lux (1903).
6	José Antônio Machado Júnior	99,7	Rio Grande	Acionista da Hidraulica Guaybense (1886); Funcionários do Banco da Província; Conselheiro fiscal do Banco de Crédito Real (1888); Conselheiro Fiscal da Companhia de Seguros Martimos; Acionista da Phenix de Porto Alegre; Irmão da Santa Casa de Misericórdia (1890); Acionista da Sociedade de Seguros Terrestres Porto Alegrense (1891); Conselheiro Fiscal da Fábrica de Pregos Pontas de Paris, de Porto Alegre (1891); Acionista da Companhia de Fiação Porto Alegrense (1891);
7	Antonio da Costa Corrêa Leite	77,9	Rio Grande	Acionista / Fundador da Companhia Progresso Industrial (1891); Acionista da Companhia de Ferro Rio Grande - Costa do Mar (1892); Acionista da Poock & C. (1891); Presidente do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1886); proprietário da Corrêa Leite & C. (1890);
8	Antonio Manoel de Lemos Junior	72,8	Rio Grande	Proprietário de uma "casa comercial" (1884); Diretor do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1884); Acionista na Companhia Progresso Industrial (1891); Acionista da Companhia de Ferro Rio Grande - Costa do Mar (1892); Diretor da fábrica de velas de stearina da Companhia Industrial e Mercantil Rio Grandense (1893); Acionista da Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres Pelotense (1893);
9	Emílio de Barros	62,1	Rio de Janeiro	Comerciante. Consul Geral da Venezuela. Representante em Porto Alegre da Companhia de Fiação e Tecidos Porto-Alegrense (1895).
10	Antonio José Monteiro	60,3	Rio Grande	Acionista da Poock & C. (1891); Acionista fundador da A. L. Torres e Cia (1891); tesoureiro e guarda livros da fábrica. A partir de 1891 passa a receber uma porcentagem dos lucros, junto com Alfredo Rheingantz (gerente da fábrica) e J. W. Broadbent (diretor interno das oficinas). Relatório de 1891.

Fonte: Relatórios Anuais da Fábrica Rheingantz (1884-1895); Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 1884-1909.

Um nome que merece destaque no quadro anterior é o de Francisco de Paula Mayrink, ou Conselheiro Mayrink, como ficou conhecido. O Conselheiro foi considerado um dos homens mais ricos e influentes do Brasil no século XIX. Sua fortuna foi suficiente para torna-lo

proprietário do Palácio do Catete, por exemplo. Possuía negócios em diferentes regiões do país, empregando sua fortuna nos setores de imigração, iluminação, gás, imprensa, transportes, lavoura, higiene, divertimentos públicos, teatro, bancos, ferrovias, carris urbanos, navegação, estaleiros, usinas e fábricas⁹³. É interessante observar que o Conselheiro foi um dos fundadores do Banco de Crédito Real, que viria a se transformar no Banco dos Estados Unidos do Brasil, principal emissor de moeda em lastro de papel durante o Encilhamento⁹⁴. O envolvimento direto do Conselheiro com o Encilhamento é, possivelmente, uma das causas de sua falência. Investidor da Rheingantz desde 1887, Mayrink irá liquidar suas ações com a companhia em 1892.

Ampliando-se um pouco mais o quadro de investidores para um grupo com acionistas que possuem em média 20 ações ou mais, a diversificação de investimentos torna-se ainda mais significativa⁹⁵. Se os dez maiores são em sua maioria comerciantes, dedicados aos negócios financeiros e produtivos, com a ampliação da amostra de análise, surgem outros profissionais que parecem ter no investimento em ações uma segunda forma de renda. Entre eles, encontram-se militares, políticos, médicos, professores, juízes e advogados. Faz parte desse contexto Antonio Gonçalves Carneiro, que foi acionista e membro do conselho fiscal do mesmo Banco de Crédito Real do Conselheiro Mayrink, e proprietário da firma comercial *Carneiro & Irmão – Sucessores*. Atuou como representante comercial em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Também José Antonio Machado Junior foi conselheiro fiscal do Banco de Crédito Real em 1888 e no mesmo ano foi indicado para o governo municipal de Porto Alegre pelo partido liberal, mas recusou a candidatura. Investiu seu capital nos setores de tratamento de água, de seguros, de produção de pregos e em novas fábricas de fiação.

Outro caso a ser destacado é o de Antonio Soares de Barcellos, que além de empresário e comerciante, foi delegado de polícia de Porto Alegre, candidato a Juiz de Paz do 2º distrito pelo Partido Republicano e, em 1893, membro da Assembleia de Representação do Rio Grande do Sul, que elegeu os deputados estaduais, além de investidor em pelo menos seis negócios diferentes. Já Francisco Gomes de Araujo Góes foi indicado a candidato pelo partido liberal, em 1885, para o município e concorreu a deputado para o Congresso Constituinte em 1891. Em março de 1892 assume como Juiz do 2ª distrito de Pelotas, pedindo exoneração da

⁹³ GALERIA NACIONAL. *Vultos proeminentes da história brasileira*. Vol. 6. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1931.

⁹⁴ O Conselheiro Mayrink era proprietário do Banco dos Estados Unidos do Brasil, que se fundiu ao Banco Nacional do Brasil, do Conde de Figueiredo, formando o Banco da República dos Estados Unidos do Brasil. A nova instituição, aprovada por decreto em 1890, ficaria responsável pelo resgate do papel-moeda do Tesouro e emissão de novos títulos. Para mais detalhes sobre a situação bancária durante o Encilhamento ver: TANNURI, Luiz Antonio. *O Encilhamento*. Economia e planejamento: série teses e pesquisas. Campinas/SP: HUCITEC e Fundação de Desenvolvimento da Unicamp, 1981. 140p.

⁹⁵ Ver Anexo V.

função em junho do mesmo ano. Era proprietário de uma farmácia e investiu seu capital também na Companhia Panificadora Porto-Alegrense.

Essa diversificação dos investimentos pode representar uma característica geral dos negócios financeiros do final do século XIX, superando a perspectiva simplista de que um negociante estaria ligado a apenas um empreendimento. Análises sobre a indústria brasileira a partir de seus setores (têxteis, alimentos, calçados, metal-mecânico etc.) podem passar a falsa ideia de que tais áreas estariam mais distantes umas das outras do que estão de fato. Os recursos financeiros que movem os negócios do país parecem ter origens comuns, ainda que heterogêneas, como demonstrou o quadro analisado. Se os grandes investimentos são marcados pela variedade, o grupo dos pequenos investidores, apresentado a seguir, reforça ainda mais essa perspectiva.

3.1.2 Os Pequenos Acionistas

De origem diversa, os pequenos investidores financeiros representam uma parcela grande do número total de acionistas da Fábrica Rheingantz. Em 1891, por exemplo, de um total de 500 acionistas, 270 (54%) possuíam 15 ações ou menos⁹⁶. Entre eles, membros da aristocracia brasileira (muitos comendadores, barões e viscondes), acionistas que investem como forma de poupança e operários. Um bom exemplo é o do Barão de Ibirocahy, casado com a cunhada de Rheingantz, Noemi de Sá. Ele residia na corte e foi, entre outras coisas, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro⁹⁷. Do mesmo modo, o Barão de Oliveira Castro (José Mendes de Oliveira Castro) foi considerado um negociante e capitalista abastado⁹⁸, que ajudou a fundar o Asilo de Mendicidade. Entre outras atividades, foi presidente da Associação Comercial e diretor do Banco do Comércio do Rio de Janeiro.

Outro grupo que pode ser apontado entre os pequenos investidores é o dos que possuem ações como forma de “poupança”. Um caso que exemplifica esta ideia é o da família de Eduardo José de Moura, que comprou ações e as dividiu igualmente entre suas cinco filhas. Da mesma forma, Idelvira Parreira Machado distribuiu ações para suas três filhas menores de idade. Nessas situações, as ações provavelmente se converteriam em dotes de casamento no futuro. Outros investidores também compraram uma ou duas ações em nomes de filhos e netos menores.

⁹⁶ Relatório da Directoria da Companhia União Fabril e Pastoral sucessora da Rheingantz & C. 30 de novembro de 1894.

⁹⁷ Jornal O Estado de São Paulo. 19 de julho de 1916. p. 5.

⁹⁸ VASCONCELOS, Rodolfo. VASCONCELOS, Jaime. *Archivo Nobiliarchico Brasileiro*. Lousanne: Imprimerie La Concorde, 1918. p. 319.

Algumas empresas e instituições figuram na lista dos pequenos acionistas, entre elas, a Trommel & C⁹⁹. e Lawson, Huxham & C¹⁰⁰., importantes empresas de importação do final do século XIX. Também o Asilo do Coração de Maria, o Clube Caixeiral Porto-Alegrense, a Sociedade Portuguesa de Beneficência estão na lista. Nesses casos, as ações poderiam ser compradas como forma de capitalização dessas instituições. Outra possibilidade é terem sido donativos ou ainda usadas como moeda de pagamento de alguma dívida.

Com a aproximação da saída de Rheingantz da direção da companhia, em 1895, o quadro de acionistas também começa a se modificar. Nesse momento, entram na sociedade alguns parentes. São acionistas, por exemplo, seus cunhados Frederica Cordeiro de Sá, Eduardo Tito de Sá e Hermínia Gloria de Sá. Seus irmãos, Alfredo Jacob e Oscar Philipe, entram na lista a partir de 1896. O último foi promotor e defensor público. Advogou com Júlio de Castilhos¹⁰¹ em alguns casos e, em 1889, na parada em homenagem a Proclamação da República, desfilou no grupo do jornal *A Federação*¹⁰². Para marcar a saída de Rheingantz da diretoria, um grupo de 31 operários recebe uma ação cada um em agradecimento por trabalharem na companhia desde a sua fundação. Sobre essas doações publicou Rheingantz no jornal:

Desejando n'essa ocasião deixar-vos uma prova de minha verdadeira afeição, lembrei-me que existem entre vós operarios que me tem acompanhado sem interrupção [...]. A cada um desses antigos companheiros de trabalho cujos nomes em seguida menciono, com as datas de sua entrada em serviço da empresa, faço doação de uma acção d'esta Companhia, esperando que á guardarão como lembrança minha, e d'ella não se desfarão senão em caso de extrema necessidade, que não é provável porque a Companhia tem sempre ajudado e de certo contituará a ajudar a seus empregados necessitados, independente dos socorros que presta a Mutualidade¹⁰³.

No caso dos operários, a doação das ações pode ser compreendida não apenas como um bônus, mas como uma forma de fundo de aposentadoria, preocupação com os funcionários que Rheingantz já havia demonstrado ao longo de sua administração. Assim, percebe-se este último uso das ações, tanto no caso do bônus, quanto dos dotes e das instituições, enquanto pequena fonte de renda para seus proprietários.

⁹⁹ Importadora paulista. Lista de importadores, 1910. DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Difel, s/d. p. 34.

¹⁰⁰ Casa Bancária e Negócio de Exportação. Rio Grande. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. 1906. Edição A00063. cap. Rio Grande do Sul. p. 1764

¹⁰¹ Em 1889, Oscar Philipe Rheingantz, Júlio de Castilhos e Graciano de Azambuja trabalharam na defesa do coronel Martins Habr. *Jornal Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1889, p.1.

¹⁰² *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 16 de dezembro de 1889, p. 1. O jornal era órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense. No desfile da Proclamação da República, Júlio de Castilho, diretor d'*A Federação*, e Oscar Philipe desfiliam lado a lado carregando o estandarte do jornal.

¹⁰³ *Jornal Diário do Rio Grande*, 22 de novembro de 1895, p. 2.

As ações da companhia podem, portanto, ser compreendidas a partir do uso feito delas por seus donos. Para Rheingantz, eram uma forma de capitalização da empresa e financiamento dos projetos necessários para a sua expansão (compra de equipamentos novos, construção de novas instalações e diversificação do empreendimento). Da mesma forma, como toda ação, representavam lucro (ou prejuízo) para os investidores. Nesse caso, não muda o perfil do que representa a ação, mas perfis diferentes de acionistas (grandes ou pequenos) farão usos e terão expectativas diferenciadas.

Para os grandes acionistas, o investimento era mais um entre vários empreendimentos onde aplicavam suas pequenas fortunas. E a entrada e saída de capital parece se dar de forma mais fluida. Não há grande expectativa de que o investidor permaneça na lista por longos anos ou que o número de ações em posse permaneça estável. O oposto parece acontecer com os pequenos investidores: eles possuem poucas ações e a expectativa é que nunca sejam vendidas ou que sejam resgatadas muitos anos depois. Pode-se pensar, por exemplo, no pedido de Rheingantz para que os operários que receberam ações nunca as vendam, ou no caso dos dotes para filhas menores de idade, que provavelmente resgatariam o valor das ações quando tivessem idade suficiente. É possível que os lucros anuais nesses casos fossem utilizados de um modo diferente, sem se reverterem em novos investimentos na própria companhia, como no caso dos Grandes Acionistas. Enquanto pequena fonte de renda, os ganhos com ações poderiam virar festas de noivados e pequenas reformas domésticas, por exemplo.

Além disso, os dois grupos de investidores são igualmente heterogêneos quanto a origem e posição social. Os grandes investidores se destacam pela variedade de empreendimentos em que costumavam se envolver, em vários locais diferentes, não se restringindo ao seu lugar de residência e em vários ramos de atividades (comercial, industrial e financeiro). Enquanto isso, os pequenos investidores também podiam ser membros da elite financeira da época (empresários, comerciantes, aristocratas etc.) que optavam por comprar um número reduzido de ações. É preciso deixar claro, que não necessariamente são investidores que desejariam ter mais ações e não o fariam por questões puramente financeiras. Em alguns casos, é possível imaginar que nomes de prestígio na lista de acionistas, mesmo que proprietários de poucas ações, poderiam representar inclusive uma vantagem simbólica para a própria companhia. Nomes conhecidos como o do político Venceslau Escobar ou o de cinco ou seis barões e baronesas diferentes poderiam ser usados até para convencimento de novos acionistas. Além disso, o investimento na Rheingantz também poderia funcionar como estratégia de diversificação.

Por fim, o capital financeiro investido não parece escolher posição política. Encontram-se nas listas igualmente liberais, republicanos e monarquistas, independente do envolvimento da família Rheingantz com o partido Republicano¹⁰⁴ e de serem grandes ou pequenos investidores. As diferenças políticas reforçam o quanto os grupos eram diversificados, pois os envolvidos não apenas tinham origens, posição social, interesses econômicos e condições financeiras diferentes, mas suas formas de compreensão da sociedade eram variadas. Diferentes posições quanto às regras sociais podem levar a caminhos e escolhas políticas igualmente diversas, demonstrando o quão profunda pode ser a heterogeneidade do grupo de investidores aqui analisado.

¹⁰⁴ O envolvimento político da família Rheingantz e sua rede de relações não foram possíveis de serem contemplados nesta pesquisa e mereceriam um trabalho a parte.

CONCLUSÃO

A recuperação do modo de obtenção de recursos e dos resultados financeiros da Fábrica Rheingantz permitiu não apenas a reconstrução de uma parte da história da constituição das empresas do Rio Grande do Sul, mas uma reflexão sobre o modelo empresarial brasileiro no período estudado. Em última análise, foram problematizados alguns aspectos da própria história da elite industrial e econômica do Brasil.

Essa elite econômica, entendida a partir do grupo de investidores observados, mantinha negócios em diversas regiões do país, não se restringindo ao seu local de residência, nem a um mesmo ramo de atividade. Este trabalho manteve o foco nos empreendimentos industriais e urbanos, o que não significa excluir a possibilidade de que os mesmos investidores também circulassem pelas áreas da economia agrária (gado, café etc.), por exemplo. Além disso, é preciso ressaltar que a sociedade como um todo é formada por um conjunto de áreas (econômica, política, educacional, intelectual etc.) que estão conectadas e de forma alguma são excludentes. O grupo investidor observado caracteriza-se por uma heterogeneidade fortemente marcada por múltiplas posições sociais (comerciantes, advogados, médicos, nobres, operários), disposições financeiras igualmente variadas (pequenos e grandes investidores) e, ainda, identificações políticas distintas (republicanos, liberais e monarquistas). Em sua maioria, transitavam entre muitos ramos de negócios (calçados, têxteis, charutos, alimentos, seguros etc.).

Da mesma forma, ao se pensar a economia nacional, os chamados “polos econômicos” (Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e Rio de Janeiro e São Paulo, no centro do país) eram menos isolados do que inicialmente se imaginava. Por trás de uma abrangente gama de atividades, os mesmos nomes se repetem. Os investidores estão em constante circulação – comprovada pelas notícias de chegadas e partidas nos portos. O capital financeiro investido não possui região ou filiação política.

No caso específico da Fábrica Rheingantz, em seus primeiros 22 anos de existência, seus produtos são comercializados principalmente com Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Em breves momentos, crises regionais impediram o escoamento da produção

para as regiões centrais do país. A Rheingantz também nunca deixou de desejar o mercado internacional. Com frequência, expunha seus produtos em feiras nacionais e internacionais para tornar-se conhecida, e um dos seus objetivos declarados era produzir “produtos iguais ou equivalentes aos melhores importados”¹⁰⁵. No mesmo período, a empresa cresce de forma consistente, expandindo suas áreas de atividades: tecidos de lã e algodão, aniagens, casacas e roupas, cobertores, tapetes, entre outras. No momento em que divide seu capital em ações, torna-se altamente lucrativa para seus investidores, sendo praticamente todo o lucro líquido da companhia distribuído entre os acionistas. Essa prática de divisão de lucros, ainda que estranha aos olhos atuais que veem implícita a necessidade de reinvestimento desse capital, é provavelmente uma prática comum ao período.

Desse modo, ainda que as fábricas fossem rentáveis, para que se pudesse financiar os empreendimentos e sustentar as constantes expansões, Carlos Guilherme Rheingantz fez uso de algumas estratégias econômicas. O capital empregado ou vinha da comercialização de novas ações ou da ampliação das cotas dos investidores já existentes, ou era obtido através de empréstimos bancários. Para isso, Rheingantz tratará de estabelecer uma rede de relações pessoais que irá lhe “abrir alguns caminhos” ao longo do tempo. Não se pode menosprezar aqui as relações de nascimento e casamento, que parecem ser o seu ponto de partida. Nascido em uma família da elite local (politicamente bem relacionada e economicamente estabelecida), completa seus estudos na Europa e, ao retornar ao Rio Grande do Sul, casa-se com uma mulher também de “boa família”, com conexões na província e na Corte. Não por acaso, entre seus tios, irmãos, filhos e cunhados figuram advogados, juízes, engenheiros, empresários, comerciantes e barões.

Se o ponto de partida vem das relações familiares, para ir além, Rheingantz precisará lançar mão de outras práticas em busca de investidores. Este trabalho procurou mostrar que entre essas estratégias, algumas acabaram ganhando maior destaque. Para tornar seus produtos conhecidos, desde o início aplicou seus esforços na promoção da fábrica de lã, como a primeira e única do gênero do país – visível em uma série de publicações em jornais de Rio Grande, Porto Alegre, Rio de Janeiro. Com o mesmo mote, se fez presente em feiras nacionais e internacionais, como “representante do melhor que a indústria brasileira tinha a oferecer”.

Ao pensar e promover, simbolicamente, os seus produtos enquanto um exemplo da produção do país, Rheingantz passa a reivindicar também que sua fábrica merece a proteção e o incentivo do Estado. Além de promover a ideia nos jornais através de publicações a pedidos e declarações sobre algumas questões da economia brasileira, ele irá reclamar efetivamente

¹⁰⁵ Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1876, p.1.

por medidas protecionistas diretamente nas estâncias burocráticas. Não é por acaso que entra com um pedido para obter o monopólio da construção de fábricas de algodão em Rio Grande, ou que pede isenção de impostos para a implantação de um novo negócio no Rio de Janeiro, ou ainda reclama permanentemente das tarifas alfandegárias baixas para os concorrentes estrangeiros e do câmbio.

Este trabalho poder ser entendido como uma contribuição para se compreender o funcionamento das empresas do século XIX, no sul do Brasil, e suas relações com outras regiões do país. Questões como as conexões entre os diferentes polos de industrialização e crescimento econômico regionais, as características dos grupos dedicados ao investimento financeiro e a atuação da elite econômica em relação à área política não se esgotam de forma alguma nesta monografia. O trabalho pode ser compreendido como um ponto de partida para um estudo mais aprofundado da história das empresas e sugere que trabalhos semelhantes podem ser feitos sobre outras instituições e localidades, dados que permitiriam uma história mais abrangente e detalhada da economia gaúcha do período.

LISTA DE FONTES DOCUMENTAIS

Bibliotheca Rio-Grandense, Rio Grande – Fontes Impressas:

1. Relatórios da Sociedade Comanditária em Ações Rheingantz & C. 1884-1890.
2. Relatórios da Diretoria da Companhia União Fabril e Pastoril sucessora de Rheingantz & C. 1891-1894.
3. Relatórios da Diretoria da Companhia União Fabril sucessora da Rheingantz & C. 1895-1900.
4. Jornal *Echo do Sul*, Rio Grande. Edições: janeiro a dezembro de 1873; janeiro a dezembro de 1885; julho a dezembro de 1895.
5. Jornal *Diário do Rio Grande*, Rio Grande. Edições: janeiro a dezembro de 1885.

Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional Digital do Brasil, Hemeroteca Digital Brasileira, Projeto Periódicos Extintos – Fonte digital, online¹⁰⁶:

RIO DE JANEIRO

6. A Nação, edições de 1872 a 1876, 5 ocorrências.
7. A Reforma, edições de 1870 a 1878, 4 ocorrências.
8. Almanak Adm., Mercantil e Ind. do Rio de Janeiro, edições de 1891-1899, 1 ocorrência.
9. Brazil, edições de 1883 a 1885, 2 ocorrências.
10. Cidade do Rio, edições de 1887 a 1902, 1 ocorrência.
11. Diário de Notícias, edições de 1870 a 1899, 15 ocorrências.
12. Diário do Brazil, edições de 1881 a 1885, 3 ocorrências.
13. Diario do Commercio, edições de 1888-1892, 6 ocorrências.
14. Diário do Rio de Janeiro, edições de 1870 a 1899, 16 ocorrências.
15. Gazeta da Tarde, edições de 1880 a 1901, 4 ocorrências.
16. Gazeta de Notícias, edições de 1875-1899, 57 ocorrências;
17. Il Brasile, 1888-1889, 1 ocorrência.
18. O Brazil, 1890-1891, 1 ocorrências.
19. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, edições de 1878 e 1890, 2 ocorrências.
20. O Globo, edições de 1874 a 1889, 21 ocorrências.
21. O Paiz, edições de 1884-1889, 3 ocorrências.
22. O Tempo, edições de 1891-1894, 9 ocorrências.
23. Revista de Engenharia, edições de 1879-1891, 11 ocorrências.
24. Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro, 1870-1899. 1 ocorrência.
25. Rio Post, edições de 1884 a 1889, 3 ocorrências.
26. The Rio News, edições de 1879 a 1901, 7 ocorrências.

RIO GRANDE DO SUL

27. A Federação, edições de 1884 a 1909, 116 ocorrências.

¹⁰⁶ Dado que a consulta aos periódicos listados foi feita a partir da busca indexada, anota-se aqui também a quantidade de ocorrências consultadas, o que dá uma melhor dimensão da análise, já que não foram lidos por completo todos os periódicos listados, mas apenas as referências localizadas através da ferramenta pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Thiago Farias. *Origem e evolução da atividade industrial no município do rio grande no contexto econômico do estado do rio grande do sul: do final do século XIX aos meados da década de 1960*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Florianópolis: UFSC, 2011.

ARAVANIS, Evangelia. *O corpo em evidência das lutas dos operários gaúchos (1890 a 1917)*. Dissertação (doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ARAVANIS, Evangélia. *A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República - a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920)*. Revista Mundos do Trabalho, vol. 2, n. 3, janeiro-julho de 2010, p. 148--180.

ARIAS NETO, José Miguel. *Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização*. In: O Brasil Republicano. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. In: BOURDON, Raymond (org.). Tratado de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 65-106.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas, Papyrus, 1996.

_____. *O Campo Econômico*. In: *Política & Sociedade*. nº 6. Abril de 2005.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. 357 p.

CLARO, Lisiane. *Falência e Falácia Entre Significados e Sentimentos*. Rio Grande: Furg, 2010.

COMISSÃO NACIONAL DE BOLSAS DE VALORES. *Vocabulário do Mercado de Capitais*. Série Biblioteca. Belo Horizonte: CNBV, 1993. p. 11-48.

COSTA, Ana Monteiro. *A gênese do empresário gaúcho: uma interpretação a partir dos modelos de matriz institucional e de construção mental de Douglas North*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS. 187 p.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República – momentos decisivos*. 9ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010. 525 p.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Difel, s/d.

ENKE, Rebecca. *Balneário Villa Sequeira. A invenção de um novo lazer (1890-1905)*. São Leopoldo: Unisinos, 2005. Dissertação de Mestrado. 143 p.

FAGUNDES, Lígia. KUMMER, Lizete. STEPHANOU, Maria. PESAVENTO, Sandra. *Memória da Indústria Gaúcha (1889-1930)*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1987.

FERREIRA, Maria Leticia M. *Os três apitos: memória pública e memória coletiva. Fábrica Rheingantz, Rio Grande, Rio Grande do Sul, 1950-1979*. Tese de Doutorado, PPGHistória, PUCRS, 2002.

_____. Reflexões sobre reconhecimento e usos do patrimônio industrial. Rio Grande: Ticcih, 2003.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS: 1803-1950*. Porto Alegre: FEE/Secretaria de Coordenação e Planejamento, 1986.

GALERIA NACIONAL. *Vultos proeminentes da história brasileira*. Vol. 6. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1931.

GRIJÓ, Luiz A. *Biografia, pra quê?* In: CORADINI, Odaci (org.). *Estudo de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2008. p. 85-103.

HEES, Felipe. *A industrialização brasileira em perspectiva histórica (1808-1956)*. In: *Em Tempo de História – Publicação do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília. PPG-HIS, N° 18*. Brasília: jan./jul. 2011. ISSN 1517-1108.

HEINZ, Flávio (org.). *História Social de Elites*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

IEPSEN, Eduardo. *Jacob Rheingantz e a colônia se São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história*. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

LEVI, Giovanni. *Les usages de la biographie. Annales, Histoire, Sciences Sociales* (trad. GRIJÓ, Luiz A. *Os Usos da Biografia*, v. 44, n. 6, p. 1325-1336, 1989.

LEVY, Maria Bárbara. *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas: esboços de história empresarial*. Coleção Biblioteca Carioca. Vol.31. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LUCA, Tania R. *A História do, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, C. (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. 44p.

LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização do Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

LOBO, Eulália L. *História Empresarial*. In: *Domínios da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 207-228p.

LONER, Beatriz. *Construção de Classe: Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária/UFPel, 2001. 468p.

MARQUES, Tereza Cristina. *História de empresas, memória e fontes*. São Paulo: ANGRAD, 2008. p.2.

MARTINS, Solismar. *O papel da cidade do Rio Grande (RS) na economia rio-grandense durante a industrialização dispersa (1873/1930)*. In: *Primeiras Jornadas de Economia Regional Comparada*. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 2005.

MENDES, José. *Problemas de História Empresarial Teoria e Prática*. Teoria e Prática. XXII APHES. Comunicações. Aveiro, 2002.

MERTZ, Marli. *A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização: de sua origem a 1930*. Ensaio FEE. Porto Alegre, vol. 12. 1991.

MONTEIRO, Lorena. *Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História*. In: *Sociedade e Cultura, Goiânia*, v. 12, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2009.

- NEVES, Hugo Alberto Pereira. *A Importância do Porto do Rio Grande (1890-1930)*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1980. (Dissertação de Mestrado).
- PAULITSCH, Viviam da Silva. *Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande/RS*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da Indústria Sul-Rio-Grandense*. Guaíba: Rio Grande Companhia de Celulose do Sul (Riocell), 1985.
- _____. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e a disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- _____. *Os Industriais da República*. Porto Alegre: IEL, 1991. 266p.
- REICHEL, Heloísa Jachims. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul – 1910 a 1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.
- RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. *Dr. Oscar e Seus Empreendedores Ascendentes*. Rio Grande. No Prelo.
- ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec / Ed. da Unicamp, 2000.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1968. P. 171.
- TANNURI, Luiz Antonio. *O Encilhamento*. Economia e planejamento: série teses e pesquisas. Campinas: HUCITEC-FUNCAMP, 1981. 140p.
- TYPOGRAPHIA NACIONAL. *O Imperio do Brazil na Exposição Universal de 1876 em Philadelphia*. Rio de Janeiro : Typ. Nacional, 1875.
- VASCONCELOS, Rodolfo. VASCONCELOS, Jaime. *Archivo Nobiliarchico Brasileiro*. Lousanne: Imprimerie La Concorde, 1918.
- VILLELA, Annibal V. *Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Ipea/Inpes, 1973.
- VOLGT, Olgário. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul e o Capital Social*. Tese de Doutorado. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2006.
- WASSERMAN, Claudia. *O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder*. In: Capítulos de História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

Anexo I. A Fábrica Rheingantz - Final do Século XIX - Início do XX.



Figura 1.
Construção do
escritório central
da Fábrica
Nacional de
Tecidos de Lã
(1909).



Figura 2. Faixada
da Fábrica
Rheingantz, por
volta de 1920.

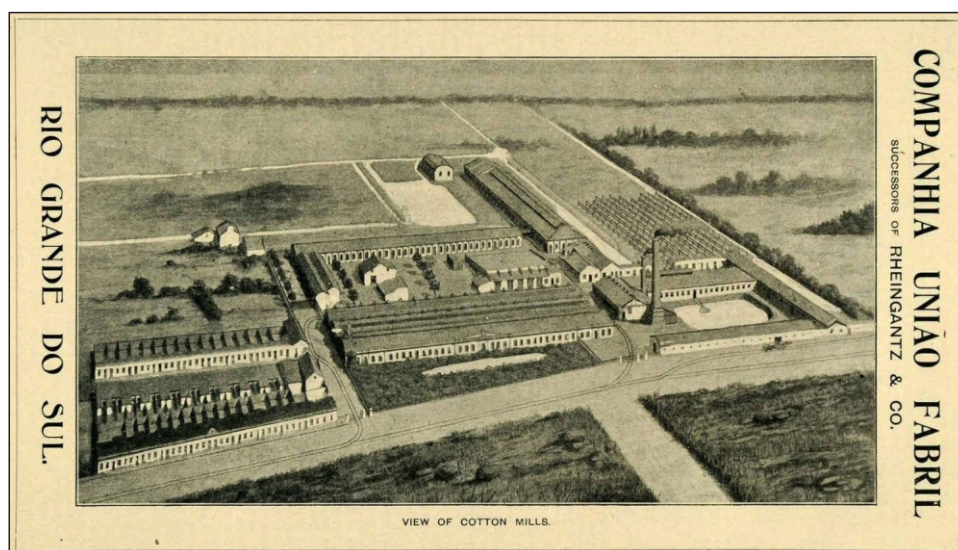


Figura 3.
Folheto da
Fábrica
Rheingantz na
exposição
Internacional
da Filadélfia
(1876).

*Crédito das imagens: 1 e 2) Acervo da Bibliotheca Riograndense. Fundo Rheingantz.
3) Imagem disponível em Amazon.com . Acesso em 28/11/2011.*

Anexo II. A Fábrica Rheingantz - Início do Século XXI.



Figura 4. Vila operária, rua principal. Ao fundo, o prédio administrativo.



Figura 5. À esquerda, casas da vila operária. À direita galpões da fábrica. No centro, portão de entrada dos operários.



Figura 6. Prédio da escola.



Figura 7. Acima, cassino dos mestres por volta de 1920. Figura 8. Abaixo, situação da construção em 2011.



Figura 9. Faixada atual do prédio administrativo da Fábrica Rheingantz.

Figuras 10, 11 e 12. Casas dos oficiais mais graduados (mestres e contramestres). Data de construção 1910-1915.



Crédito das imagens: Maria Karina Ferraretto (2011).

Anexo III. Exemplos de páginas dos Relatórios da Fábrica Rheingantz.

Figura 13. Texto de abertura. Relatório da Sociedade Commanditaria em Acções Rheingantz & C. 21 de novembro de 1885. p. 1 e 3.

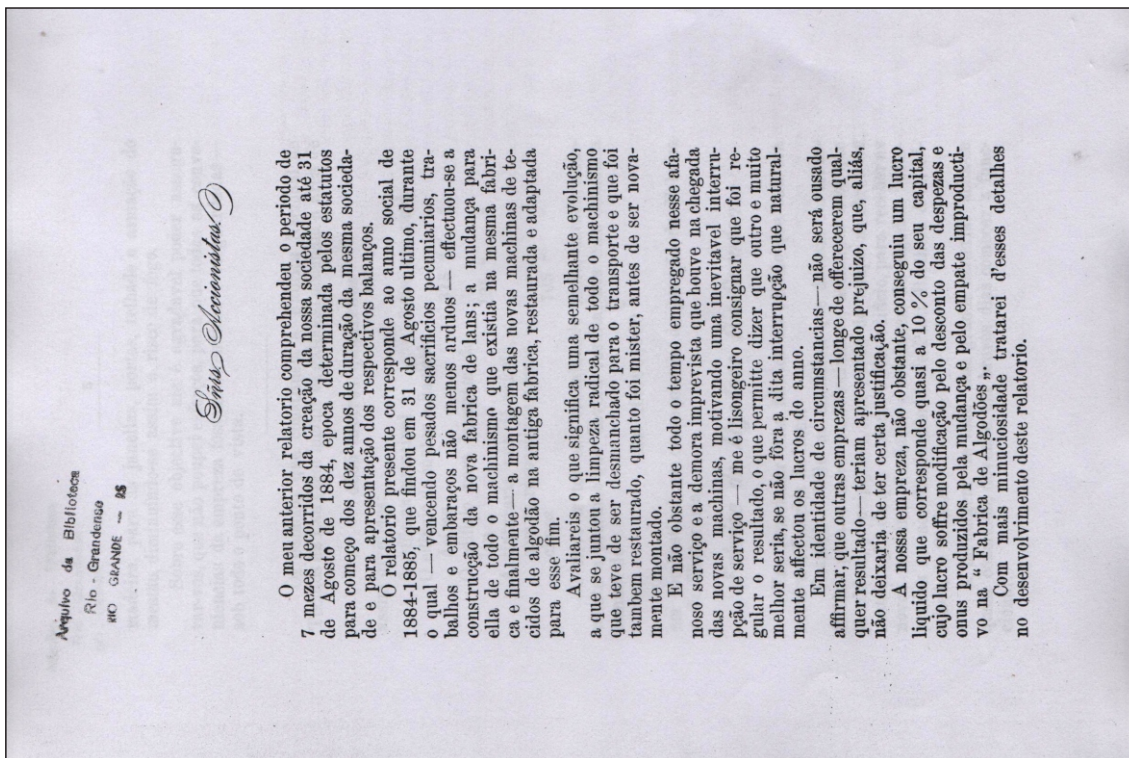


Figura 14. Capa. Relatório da Sociedade Commanditaria em Acções Rheingantz & C. 21 de novembro de 1885. p. 1 e 3.

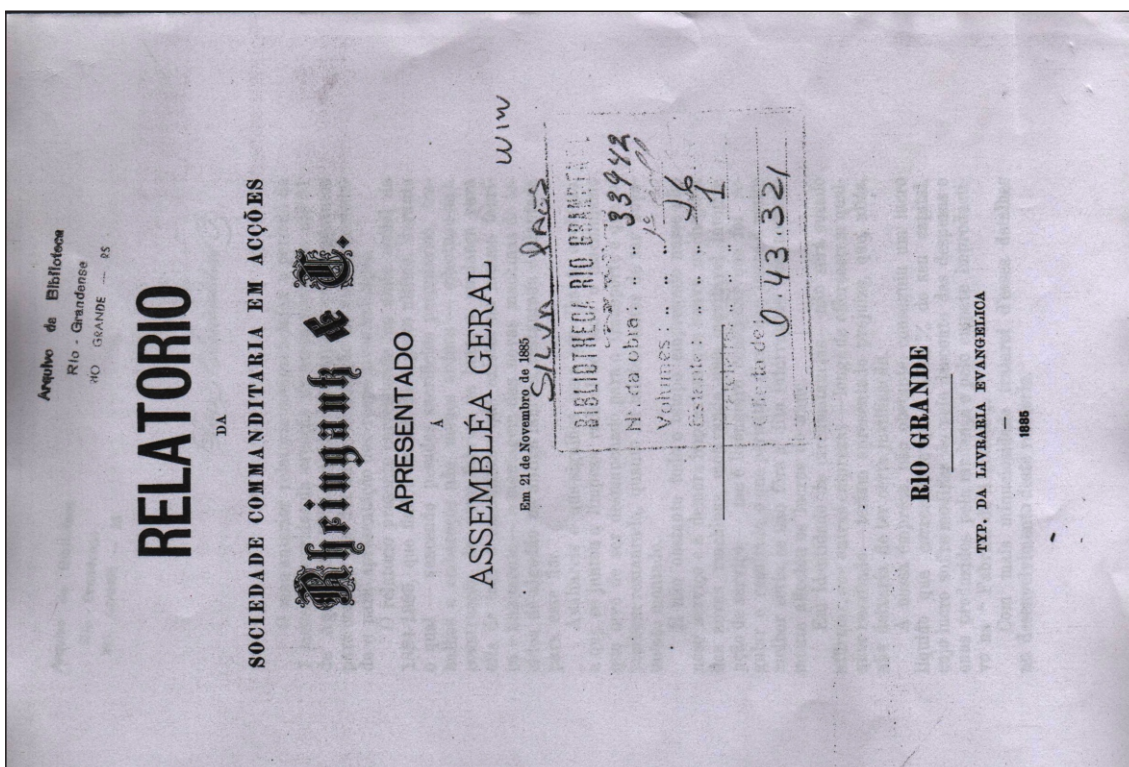


Figura 15. Página Interna. Relatório da Sociedade Commanditaria em Acções Rheingantz & C. 31 de outubro de 1884. p. 6 e 7.

<p style="text-align: right;">Arquivo da Bibliotheca Rio - Grandense MO GRANDE - RS</p> <p style="text-align: center;">6</p> <p style="text-align: center;">Bens de raiz</p> <p>Compru-se mais 10 braças de terreno contiguo ao que possuímos em frente ao cemiterio, ao preço de 650\$000 por ser necessario para acrescimo da finturaria. Possui a sociedade agora ao todo 152 braças de frente vis á-vis da Estação da Estrada de Ferro.</p> <p style="text-align: center;">Produção</p> <p>Tem continuado á trabalhar a fabrica de lãs sem interrupção digna de ser mencionada e produziu n'estes 7 mezes—100,839 kilogramas de diversos tecidos, independente da produção da pequena tecelagem de algodão, a qual se elevou a 1,442 peças de algodão riscado e crú.</p> <p style="text-align: center;">Venda da produção</p> <p>As vendas n'estes 7 mezes elevaram-se á cifra de réis</p> <table border="0"> <tr> <td>1º) em tecidos acabados nos nossos dous estabelecimentos</td> <td style="text-align: right;">29:11(\$100)</td> </tr> <tr> <td>2º) nas Agencias e remessas em viagem (quantia que representa o valor de venda, menos 10 % de abatimento)</td> <td style="text-align: right;">52:42(\$780)</td> </tr> <tr> <td>3º) em tecidos não acabados (valor real)</td> <td style="text-align: right;">28:94(\$000)</td> </tr> </table> <p style="text-align: center;">Outras existencias</p> <p>Estas constam de relações minuciosas e os valores são de custo effectivo. Avulta a existencia de <i>carvão</i>, por termos comprado nas vespersas do balanço 2 carregamentos de <i>carvão Cardiff</i>, que existem, além de restos de depositos anteriores. O saldo da conta <i>Importação de fio</i> é a existencia na fabrica e na alfandega de fio importado para a fabricação de tecidos de algodão e outros.</p> <p>E' tambem regularmente avultada a existencia de <i>drogas e tintas</i>, por ser necessario ter sempre em disponibilidade todos os ingredientes para qualquer cor que possa ser exigida. A existencia consta de 49 diferentes artigos d'este genero.</p> <p>Existe regular quantidade de peças de sobre-alente, cujo valor foi todo lançado em lucros e perdas. O saldo da conta <i>Accessorios de fabrico</i> representa a existencia de cardos (<i>chardons</i>) aniagem, fila, cadaço, azeite, fazenda para capas, eliquetas e outros accessorios.</p>	1º) em tecidos acabados nos nossos dous estabelecimentos	29:11(\$100)	2º) nas Agencias e remessas em viagem (quantia que representa o valor de venda, menos 10 % de abatimento)	52:42(\$780)	3º) em tecidos não acabados (valor real)	28:94(\$000)	<p style="text-align: right;">Arquivo da Bibliotheca Rio - Grandense MO GRANDE - RS</p> <p style="text-align: center;">7</p> <p style="text-align: center;">Conta de moveis</p> <p>O saldo d'esta conta de réis 2:358\$780, não é só representado pelos moveis existentes nos escriptorios e nas fabricas; n'esta conta acham-se tambem debilados e por consequente englobados na cifra supramencionada:</p> <table border="0"> <tr> <td>O valor das carretas e dos animaes</td> <td style="text-align: right;">339\$600</td> </tr> <tr> <td>E o custo da linha telephonica</td> <td style="text-align: right;">740\$980</td> </tr> </table> <p style="text-align: center;">Descontos e juros</p> <p>Fecha esta conta com um saldo no haver de 1:49\$260, que equivale ao desconto sobre os devedores da Ageacia do Rio de Janeiro, cujos debitos não estão ainda vencidos.</p> <p style="text-align: center;">Despezas de organização</p> <p>Esta conta consta da quantia paga á antiga sociedade e de outras despesas feitas posteriormente, bem como do custo da impressão das acções e de 600\$000 de sello sobre o capital da sociedade.</p> <table border="0"> <tr> <td>Tudo se eleva á</td> <td style="text-align: right;">23:150\$420</td> </tr> <tr> <td>dos quaes se amortizou nestes 7 mezes</td> <td style="text-align: right;">1:270\$020</td> </tr> <tr> <td>ficando</td> <td style="text-align: right;">21:87\$400</td> </tr> </table> <p>para serem amortisados durante os 10 annos de duração da sociedade á razão de 2:187\$440 por anno.</p> <p style="text-align: center;">Operarios, aula, caixa economica e de soccorros</p> <p>Eleva-se á 130 o numero dos operarios da fabrica, além de 1 alfaiate e 30 costureiras que se empregam na manufactura de capotes para o exercito. Despendeu-se nos 7 mezes decorridos a quantia de 59:356\$460 de salarios.</p> <p>A aula para os menores que trabalham nas nossas officinas é frequentada por 31 alumnos.</p> <p>A sociedade de soccorros <i>Mutualidade</i>, entre os operarios da fabrica fornece aos mesmos tratamento medico, remédios, pagamento de entorros e uma diaria de 800 réis, quando impedidos de trabalhar. Além d'isto sustenta um local com jornaes e livros onde os associados podem passar algumas horas depois de acabado o serviço.</p> <p>Existe uma <i>Caixa Economica</i>, que possui um saldo de 2:263\$650.</p> <p>Conviria edificar junto á nova fabrica, casinhas para</p>	O valor das carretas e dos animaes	339\$600	E o custo da linha telephonica	740\$980	Tudo se eleva á	23:150\$420	dos quaes se amortizou nestes 7 mezes	1:270\$020	ficando	21:87\$400
1º) em tecidos acabados nos nossos dous estabelecimentos	29:11(\$100)																
2º) nas Agencias e remessas em viagem (quantia que representa o valor de venda, menos 10 % de abatimento)	52:42(\$780)																
3º) em tecidos não acabados (valor real)	28:94(\$000)																
O valor das carretas e dos animaes	339\$600																
E o custo da linha telephonica	740\$980																
Tudo se eleva á	23:150\$420																
dos quaes se amortizou nestes 7 mezes	1:270\$020																
ficando	21:87\$400																

Figura 17. Páginas de um lista de acionistas. Relatório da Sociedade Commanditaria em Acções Rheingantz & C.29 de outubro de 1888. p. 20 e 21.

20		21	
da Bibliotheca Rio - Grandense RIO GRANDE - 85		da Bibliotheca Rio - Grandense RIO GRANDE - 86	
Transporte		Transporte	
232	ACÇÕES	659	ACÇÕES
D. Antonieta de Sá	1	Francisco Caetano Soares	1
D. Anna Moreira Lamas	1	Francisco Costa	4
D. Anna Zeferrina da Costa Amaro	1	Francisco Frisoni	10
D. Alcida de Menezes M. Rodrigues	6	Francisco José da Costa Ferreira	1
D. Avelina Noronha	1	Francisco José Teixeira Guimarães	1
D. Arlinda Martins Cardoso	5	Francisco dos Santos Faria	2
D. Angelina Martins Cardoso	5	Francisco da Silva Rasteiro	1
D. Alzira Chaves Barcellos	2	Francisco Telles de Menezes Junior	1
D. Augusta Kihleke	2	F. Laeisz	100
D. Amalia B. da Porciunculla	1	Fernando Hackradt	10
Banco da Provincia	20	Freitas Valle & C	5
Barão de S. José do Norte	12	Fructoso J. Gonçalves Mostardeiro	2
Belizario Ferreira dos Santos	3	Fonseca & Filho	1
Bastian & Meyer	1	Frereiro & Irmão	2
Baronesa Theresinha von Steinberg	2	Fortunato Joaquim da Rosa	1
D. Balbina Corrêa dos Santos	1	Felippe B. de Freitas Noronha	1
Carlos G. Rheingantz	69	Felippe Enek	8
Dr. Carlos Augusto Flores	25	Guilherme Soam	10
Carlos Augusto da Costa Lima	2	Guilherme Jung	6
Carlos Eugenio Fontana	2	Germano Lourenço dos Santos	1
Carneiro & Irmão	1	Gabriel José d'Oliveira	1
Candido Rozario da Silva	4	Guimarães & Silva	2
Calixto Antonio Filgueiras	1	George W. Lawson	1
Chaves & Almeida	1	Henrique Kihleke	3
Custodio Gonçalves Marques	10	Henrique Antonio Vianna	4
D. Camilla Martins Cardoso	1	H. Fraeb	200
D. Carolina F. Ferraz Vianna	5	H. Falkmann	22
Domingos José Rodrigues Dias	2	H. A. Schiött	6
Duarte & Bastos	3	Honorio Soares de Barcellos	2
Dulce de Carvalho	2	D. Herminia Gloria de Sá	10
D. Delminda Martins de Freitas	1	D. Hercilia Celina de Mello Reis	4
Ernesto Carneiro da Fontoura	1	D. Ida Chaves Barcellos	2
Ernesto Levy	1	Dr. Ignacio Alves Pereira	1
Emilio de Barros	7	Ismael Maia	5
Emilio Hormain	3	Commandador João Baptista Ferreira d'Asevedo	15
Eduardo Tito de Sá	10	João Alfonso Vasques	21
D. Eleuteria Barbosa Vasques	6	João Baptista Radfo	1
D. Ernestina Rodolphina Fruhrmeister	6	João Caetano da Rocha Moreira	1
Commandador Domingues Pereira	1	João Dias da Rocha	2
Commandador Francisco de Paula Mayrinck	200	João David Seidel	1
		João Francisco Monteiro	1
	659 acções		1132 acções

Anexo IV. Lista geral de acionistas com média anual de 20 ações ou mais.
Quadro comparativo.

Nome	Residência	Origem	Profissão / Função / Título	Relação com a Fábrica	Ano do 1º Investimento	Outros empreendimentos	Observações:
Carlos Guilherme Rheingantz	Rio Grande	Brasileiro		Diretor-presidente	1873	Vice-presidente do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1886); Acionista da Companhia de Ferro Rio Grande - Costa do Mar (1892). Acionista da Poock & C. (1891); Acionista da Horman & C. (1891).	Descendente de alemães - 1ª geração no Brasil.
Joaquim Martinz Cardozo			Comerciante	Acionista	1887	Tesoureiro do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1884); acionista da Companhia Fiação Porto-Alegrense (1901); Acionista da Companhia Fiat Lux (1903).	
F. Laeisz		Alemã			1884		Única referencia encontrada é uma companhia de navegação de Hamburgo, na Alemanha, fundada no século XIX, que
Antonio Manoel de Lemos Junior	Rio Grande	Português	Comerciante		1884	Proprietário de uma "casa comercial" (1884); Diretor do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1884); Acionista na Companhia Progresso Industrial (1891); Acionista da Companhia de Ferro Rio Grande - Costa do Mar (1892); Diretor da fábrica de velas de stearina da Companhia Industrial e Mercantil Rio Grandense (1893); Acionista da Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres Pelotense (1893);	
Francisco de Paula Mayrink	Rio de Janeiro	Brasileiro	Conselheiro do Império. Comendador. Banqueiro. Empresário. Visconde (1889).	Acionista. Diretor no RJ (1891)	1884	Fundador do Banco de Crédito Real. Proprietário da rede "Grande Hotel".	Homem mais rico do Brasil no século XIX. Monarquista. Casado com Maria José Paranhos. Irmão do Visconde de Mayrink e sobrinho da Marquesa de Itamarati. Chegou a ser dono do Palácio do Catete onde residiu. Foi eleito diretor da Rheingantz no RJ, mas pediu despesa do cargo .

Nome	Residência	Origem	Profissão / Função / Título	Relação com a Fábrica	Ano do 1º Investimento	Outros empreendimentos	Observações:
José Antônio Machado Júnior			Bancário		1888	Acionista da Hidraulica Guaybense (1886); Funcionários do Banco da Província; Conselheiro fiscal do Banco de Crédito Real (1888); Conselheiro Fiscal da Companhia de Seguros Martimos; Acionista da Phenix de Porto Alegre; Irmão da Santa Casa de Misericórdia (1890); Acionista da Sociedade de Seguros Terrestres Porto Alegre (1891); Conselheiro Fiscal da Fábrica de Pregos Pontas de Paris, de Porto Alegre (1891); Acionista da Companhia de Fiação Porto Alegre (1891);	É indicado e recusa a candidatura ao governo municipal do RJ pelo partido liberal (1888). Concorreu a diretor do Banco da Província em 1888.
Antonio José Monteiro		Português		Secretário. Tesoureiro. Guarda-livros.	1886	Acionista da Poock & C. (1891); Acionista fundador da A. L. Torres e Cia (1891);	É tesoureiro e guarda livros da fábrica. A partir de 1891 passa a receber uma porcentagem dos lucros, junto com Alfredo Rheingantz (gerente da fábrica) e J. W. Broadbent (diretor interno das oficinas). Relatório de 1891.
H. Fraeb			Casa de Importação e Exportação. Consul da Alemanha no Rio Grande do Sul (1888)	Acionista	1884	Firmas em Hamburgo, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre (1893).	Trabalha com vários tipos de produtos: couros, cinza de ossos, louça, chinelos de lã, graxa, sebo, ferramentas, tecidos, ferro, chumbo etc.
Antonio da Costa Corrêa Leite			Comendador. Comerciante.		1888	Acionista / Fundador da Companhia Progresso Industrial (1891); Acionista da Companhia de Ferro Rio Grande - Costa do Mar (1892); Acionista da Poock & C. (1891); Presidente do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1886); proprietário da Corrêa Leite & C. (1890);	

Nome	Residência	Origem	Profissão / Função / Título	Relação com a Fábrica	Ano do 1º Investimento	Outros empreendimentos	Observações:
Banco da Província							
Antonia Joaquina Vianna					1890	Acionista fundadora da Companhia de Crédito Predial (1912);	
George W Lawson	Rio Grande	Inglês	Comerciante	Diretor (1892)	1892	Acionista da Pook & C. (1891);	
Francisco Gomes de Araujo Góes	Pelotas		Comerciante		1891	Proprietário da Farmácia Caridade, em Pelotas (1885). Investidor na Companhia Panificadora Porto-Alegrense (1891). Juiz do 2º distrito de Pelotas (1892).	Recomendado para se candidatar a uma vaga no município pelo partido liberal (1885); Concorreu a deputado para Congresso Constituinte do estado em 1891; Assume o cargo de juiz em pelotas em março de 1892 e pede exoneração da função em junho de 1892.
Guilherme de Castro			Comandante de Vapor.		1891	Presidente do Clube Republicano de Santana do Livramento (1884);	
Antonio Chaves Campello	Rio Grande		Tenente Coronel - Comandante Superior da Guarda Nacional da Comarca de Rio grande (1885)	Diretor (1892)	1891	Diretor do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1886); Tesoureiro do Asilo Coração de Maria (1889); Diretor da Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres Rio-grandense (1906).	Possui escritório comercial em Rio Grande, onde em 1890 é um dos que recebe proposta de concorrência para fornecimento do material para a construção da Estrada de Ferro Bagé - Uruguaiana.
Lycurgo Telles de Menezes				Conselheiro Fiscal (1891)	1891	Acionista da Pook & C. (1891); Acionista fundador da A. L. Torres e Cia (1891); Secretário e Acionista da Pook & C. (1891); Acionista da Hormain & C. (1891); Acionista da Sociedade de Seguros Terrestres Porto-Alegrense (1892); Acionista fundador da A L Torres e C. (1894);	
Antonio Pereira de Castro			Juiz de Direito (1886)		1889	Acionista da Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense (1901).	

Nome	Residência	Origem	Profissão / Função / Título	Relação com a Fábrica	Ano do 1º Investimento	Outros empreendimentos	Observações:
Antonio Soares de Barcellos	Porto Alegre		Delegado de Polícia. Empresário. Comerciante.		1891	Acionista da Companhia Hydraulica Rio-Grandense (1895); Membro do Clube Republicano de Porto Alegre (1886); Acionista e membro da comissão fiscal da Sociedade de Seguros Terrestres Porto-Alegrense (1890); Acionista e membro do Conselho Fiscal da Companhia Progresso Industrial (1893); Acionista da Sociedade de Seguros Terrestres Porto-Alegrense (1893); Irmão Provedor da Santa Casa de Misericórdia (1894); Acionista da Fábrica de Chitas Porto-Alegrense (1894);	Foi candidato a Juiz do Paz do 2º distrito de Porto Alegre, pelo partido republicano, em 1886. Diretor do 2º distrito da Praça do Comercio (1888). Em 1889, faz doação para o Asilo de Mendicidade de Rio Grande. Em 18 de novembro de 1889, é nomeado delegado de Polícia de Porto Alegre. Apoiador do Partido Republicano Rio-Grandense (1892). Membro da Assembleia de Representação do RS, que elegeu os deputados estaduais (1893);
Maria Carolina Rheingantz					1894		Mãe de Carlos Guilherme Rheingantz; Após a morte do marido, proprietária da colônia de São Lourenço, que passa a ser administrada por Carlos Guilherme.
Herman Born					1891	Acionista da Fábrica de Vidros Sul-Brasileira (1895);	
Albano Jacob			Representante comercial (1890)		1891	Presidente do Clube Comercial de Porto Alegre (1885).	Na década de 1890 passa a residir na Alemanha onde é representante de cerca de 200 firmas brasileiras por mais de 30 anos.
Emílio de Barros			Comendador. Consul Geral da Venezuela. Comerciante.	Diretor no RJ (1891)	1891	Representante em Porto Alegre da Companhia de Fiação e Tecidos Porto-Alegrense (1895)	
H. A. Schiött			Representante comercial (1892)		1891	Acionista da Poock & C. (1891);	

Nome	Residência	Origem	Profissão / Função / Título	Relação com a Fábrica	Ano do 1º Investimento	Outros empreendimentos	Observações:
H. Falkmann			Representante comercial (1892)		1891	Acionista da Poock & C. (1891);	
Pedro Jung			Comerciante (1890)		1891		Membro do Partido Republicano (1890); Em sua residência em Porto Alegre, realizava leilões comerciais (1890).
Antonio Gonçalves Carneiro			Comerciante (1886)		1891	Proprietário da firma comercial Carneiro & Irmão Sucessores (1886); Acionista e membro do conselho fiscal do Branco de Crédito Real (1889);	Representante comercial em Porto Alegre e no Rio de Janeiro (1886); Faz doação para a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1890.)
Pedro Steffens			Professor da Rede Pública (1891). Capitão do Exército (1903.)		1891		
Carlos Augusto Flores	Porto Alegre (1884) Rio de Janeiro (1884)	Brasileiro / Pelotense	Médico		1891		Em maio de 1884, muda-se temporariamente para a corte.
Pedro Jung Filho			Comerciante (1888)		1891	Acionista da Companhia Guaybense (1886); Acionista do Branco de Crédito Real (1889); Acionista da Companhia de Tecidos e Fiação Porto Alegrense (1895).	
João Affonso Vasques			Tenente Coronel		1891		

Anexo V. Lista geral de acionistas estudados - 1884-1895.

A. Archer
 A. Trommel & C.
 Abílio Luiz Gomes Guimarães
 Adalberto Augusto dos R. Petrasi (Dr.)
 Adeodato de Andrade Fialho (Dr.)
 Albano Jacob
 Alberto de Mendonça Moreira (Dr.)
 Alberto Roberto Rosa
 Alcibiades Martins Rangel (Dr.)
 Alcida de Menezes Hailliot
 Alfredo Ferreira Sampaio
 Alfredo Jacob Rheingantz
 Alfredo Leão Torelly
 Alice A. de Moura
 Almerinda de Carvalho Kappel
 Alvaro Drummond de Macedo (Dr.)
 Alzira A. de Moura
 Amélia A. de Moura
 Amélia Carvalho de Barcellos
 Amoroso Costa e C.
 Anna Angélica da Gloria Centeno
 Anna Maria Ferreira Cardoso
 Antonia Joanquina Vianna
 Antonia Luiza Centeno Vianna
 Antonio Affonso Monteiro
 Antonio Augusto de Assumpção (Dr.)
 Antonio Chaves Barcellos (comendador)
 Antonio Chaves Campello (Coronel)
 Antonio da Costa Corrêa Leite (comendador)
 Antonio de Souza Magano
 Antonio Domingues Ferreira Valle
 Antonio Gomes de Oliveira
 Antonio Gonçalves Carneiro
 Antonio Joaquim Pinto da Rocha (comendador)
 Antonio José Esteves Barbosa
 Antonio José Monteiro
 Antonio Lopes Rios
 Antonio Manoel de Lemos Junior
 Antonio Moreira de Castro Lima
 Antonio Pereira de Castro
 Antonio Rodrigues Carvalho
 Antonio Rodrigues Tavares
 Antonio Soares de Barcellos
 Balduino Athanzio do Nascimento (Dr.)
 Banco da Província
 Barão de Iboracahy
 Barão de Pinto Lima
 Benjamin Leitão
 Bertha Pohlmann
 Brasilianische Bank für Deutschland
 Caixa Filial do Banco da Província no Rio Grande
 Camillo Claudino de Moraes
 Carlos André Laquintinie
 Carlos Augusto Flores (Dr.)
 Carlos Brenner
 Carlos F de Moura e Cunha (Dr.)
 Carlos Guilherme Rheingantz
 Carlos Pohlmann
 Carolina Gomes Barros
 Chaves & Almeida
 Christian Heinrich Nygaard
 Clube Caixeiral Porto-Alegrense
 Cypriano de Oliveira Costa
 Domingos da Silva Pinto
 Domingos Rache
 Duviver e C.
 Edmundo H. Bastian
 Edmundo Teltscher
 Eduardo José de Moura (Dr.)
 Eduardo Secco
 Eduardo Tito de Sá
 Eleutheria Barbosa Vasques
 Eleutherio Pereira Pinto
 Elfrides Bastos da Roza
 Elisa Bins
 Emiliana Dias
 Emílio de Barros (comendador)
 Emílio de Barros e C.
 Emílio Ferreira Guimarães
 Ernestina Rudolphina Fuhrmeister
 Ernesto Augusto Falkmann
 Ernesto Carneiro da Fontoura (coronel)
 Estellita A. de Moura
 Eugênio Pinto Cardozo Malheiros
 F. Laeisz
 Faustino Trapaga
 Felix Antônio Gonçalves
 Fernando Hackradt
 Ferreira Coelho e C.
 Firmiana Braga de Araujo
 Fraeb, Niiেকেle & C.
 Francisca de Paula Machado
 Francisco Santa Bárbara Garcia
 Francisco Antonio da Silva
 Francisco de Bittencourt Mendonça
 Francisco de Paula Mayrink (Conselheiro)
 Francisco Frisoni
 Francisco Gomes de Araujo Góes
 Francisco Guilherme Falkman
 Francisco José da Costa Ferreira
 Francisco José de Almeida (comendador)
 Francisco José Esteves Barbosa
 Francisco Paranhos Junior
 Francisco Pedro Sertório Leite
 Francisco Pereira dos Santos
 Francisco Py
 Francisco Telles Menezes Junior
 Frederica Cordeiro de Sá

Frederica M. E. Diehl
 Frederico Balhcke
 Frederico Guilherme Falkmann
 Fundo de Auxílios "C. G. Rheingantz»
 Generoza R. Ferreira de Azevedo
 George W Lawson
 Graciano Alves de Azambuja (Dr.)
 Guilherme de Castro
 Guilherme Jung
 Guilherme Saam
 H. A. Schiött
 H. Falkmann
 H. Fraeb
 Heitor Gonçalves Carneiro
 Henrique Daniel Meyer
 Henrique Kühlcke
 Henrique Marques Leal Pancada
 Herman Born
 Hermínia Gloria de Sá
 Hermínio Ourique de Almeida
 Idelvira Parreira Machado
 Ignacia de Miranda Guimaraes de Castro
 James Walker
 João Affonso Vasques (Tte. Coronel)
 João Alberto Kessler
 João Baptista Ferreira d'Azevedo Junior
 João Baptista Parreira Machado
 João Caetano Pinto
 João Carlos Bastian
 João da Silva Cardozo
 João Dutra (Dr.)
 João Guilherme Ferreira
 João Ignacio Soares
 João Maurício de Carvalho
 João Pereira Pinto
 João Pinto Ribeiro
 Joaquim Martinz Cardozo
 Jorge Frederico Cardoso (Dr.)
 Jorge Frederico Fayet (Dr.)
 José Antonio da Fonseca Rodrigues (Dr.)
 José Antônio Machado Júnior
 José Bernardes da Silva Júnior
 José Carlos Ferreira
 José de Freitas Vasconcellos
 José Eugênio de Azevedo
 José Ferreira de Carvalho
 José Herculano Machado
 José Joaquim Dias(tenente-coronel)
 José Maria Moreira (coronel)
 José Pacheco Pinto
 José Paranhos (Dr.)
 José Soares Vianna
 José Zeferino da Cunha (Dr.)
 Josina A. de Moura
 Lawson Huxham & C.
 Leopoldo Bastian
 Licerio Seixas (Dr.)

Luiz Kallfelz
 Luiz M. de Souza Filho
 Luiz Maria Corrêa Brandão
 Luiza Leopoldina de Barcellos
 Lycurgo Telles de Menezes
 Maneiro & Sobrinho
 Manoel Basílio Marques
 Manoel José da Costa Ferreira
 Manoel Marques Leal Pancada
 Manoel Pinto Torres Neves (Dr.)
 Manuela Amalia de Azambuja
 Maria Amalia Rebello de Carvalho
 Maria Carolina Falkmann
 Maria Carolina Rheingantz
 Maria Elisa Fayet
 Maria Izabel Rozauro Cocio
 Maria José Machado
 Maria Luiza da Silva Barcellos
 Maria Wiese da Costa
 Marianna Machado
 Marieta Machado
 Mathias José Bins (e filhos/herdeiros)
 Oliveira, Valle e C.
 Oscar Felipe Rheingantz (Dr.)
 Othilia da Cunha Barcellos
 Pedro Chaves Barcelos
 Pedro da Fontoura Lopes
 Pedro Jung
 Pedro Jung Filho
 Pedro Steffens
 Pompeo Mascarenhas de Souza (Dr.)
 Roberto Jacobi
 Rodrigo de Azambuja Villa Nova (Dr.)
 Santiago de Castro
 Sociedade Mutualidade
 Theodoro Grünwald
 Theodosio Fernandes da Rocha
 Thomas Hallawell
 Tito Chaves Barcellos (comendador)
 Ventura Pinto de Oliveira
 Vicente José de Barcellos Junio
 Visconde de Azevedo Ferreira
 Visconde de São José do Norte
 Wenceslau Escobar
 Willhelm ter Brügggen
 Zelinda Zignano V. Frisoni

Anexo VI. Dados financeiros gerais (Relatórios Anuais da Fábrica Rheingantz: 1884-1900)..

	Nº de Funcionários		Salários		Escola
	Operários	Gasto Anual com Salários	valor anual / funcionário	valor mensal médio / funcionário	Alunos Menores
1884	161	59:356\$460	:368\$674	:30\$723	31
1885	200	96:005\$560	:480\$028	:40\$002	40
1886	350	140:601\$350	:401\$718	:33\$477	42
1887	350	174:356\$000	:498\$160	:41\$513	50
1888	420	200:782\$169	:478\$053	:39\$838	ND
1889		231:103\$980			ND
1890	487	248:275\$110	:509\$805	:42\$484	ND
1891	543	268:819\$410	:495\$063	:41\$255	83
1892	644	396:960\$710	:616\$399	:51\$367	75
1893	929	479:449\$700	:516\$092	:43\$008	82
1894	927	635:902\$700	:685\$979	:57\$165	66
1895	912	679:493\$390	:745\$059	:62\$088	ND
1896	912	807:666\$870	:885\$600	:73\$800	ND
1897	912	864:964\$600	:948\$426	:79\$036	ND
1898	859	952:160\$300	1:108\$452	:92\$371	ND
1899	847	941:385\$150	1:111\$435	:92\$620	ND
1900	829	914:764\$370	1:103\$455	:91\$955	ND

Anexo VII. Lucro líquido e valor das fábricas em Mil-Reis e Libras Esterlinas
Fontes: Relatórios Anuais da Fábrica Rheingantz: 1884-1900,
Taxas de Conversão: www.ipeadata.gov.br.

Ano	Lucro Líquido	Valor da Fábrica de Lãs	Valor da Fábrica de algodão	Valor da Fábrica de Aniagens
1884	27:961\$500			
1885	62:518\$195	460:279\$760	174:055\$900	
1886	57:509\$663	490:439\$190	191:272\$210	
1887	127:479\$896	561:966\$450	203:428\$120	
1888	130:142\$326	574:375\$050	204:930\$750	
1889	192:238\$461	595:895\$210	205:242\$250	
1890	195:364\$021	601:994\$670	208:608\$990	6:734\$120
1891	270:856\$694	686:974\$430	160:308\$650	148:053\$790
1892	457:300\$000	768:754\$710	165:662\$780	196:675\$200
1893	605:150\$000	890:158\$910	353:616\$080	214:963\$330
1894	737:000\$000	902:917\$930	363:647\$430	218:920\$520
1895		947:904\$130	363:647\$030	221:860\$520

Ano	Câmbio £	Lucro Líquido £	Valor da Fábrica de Lãs £	Valor da Fábrica de algodão £	Valor da Fábrica de Aniagens £	Lucro Líquido Crescimento	Lucro Líquido Crescimento £
1884	20,6875	£ 2.410					
1885	18,59375	£ 4.844	£ 35.660	£ 13.485		124%	101%
1886	18,6875	£ 4.478	£ 38.188	£ 14.893		-8%	-8%
1887	22,4375	£ 11.918	£ 52.538	£ 19.018		122%	166%
1888	25,25	£ 13.692	£ 60.429	£ 21.560		2%	15%
1889	26,4375	£ 21.176	£ 65.642	£ 22.609		48%	55%
1890	22,5625	£ 18.366	£ 56.594	£ 19.611	£ 633	2%	-13%
1891	14,90625	£ 16.823	£ 42.668	£ 9.957	£ 9.196	39%	-8%
1892	12,03125	£ 22.925	£ 38.538	£ 8.305	£ 9.859	69%	36%
1893	11,59375	£ 29.233	£ 43.001	£ 17.082	£ 10.384	32%	28%
1894	10,09375	£ 30.996	£ 37.974	£ 15.294	£ 9.207	22%	6%
1895	9,9375		£ 39.249	£ 15.057	£ 9.186		